



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

CARLOS EDUARDO PONTES GALVÃO FILHO

POR ABISMOS...CASAS...MUNDOS...

A GEOSOFIA COMO NARRATIVA FENOMENOLÓGICA DA GEOGRAFIA

**CAMPINAS
2016**

CARLOS EDUARDO PONTES GALVÃO FILHO

POR ABISMOS... CASAS... MUNDOS...

A GEOSOFIA COMO NARRATIVA FENOMENOLÓGICA DA GEOGRAFIA

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE ANÁLISE
AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL.**

ORIENTADOR: PROF. DR. EDUARDO JOSÉ MARANDOLA JUNIOR

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO
CARLOS EDUARDO PONTES GALVÃO FILHO E
ORIENTADA PELO PROF. DR. EDUARDO JOSÉ
MARANDOLA JUNIOR.**

**CAMPINAS
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Cássia Raquel da Silva - CRB 8/5752

G139p Galvão Filho, Carlos Eduardo Pontes, 1982-
Por abismos... casas... mundos... a geosofia como narrativa
fenomenológica da geografia / Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho. –
Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Eduardo José Marandola Junior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Geociências.

1. Geografia humana. 2. Imaginário. 3. Viagens. 4. Fenomenologia. I.
Marandola Junior, Eduardo, 1980-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Through abysses... homes... worlds... the geosophy as
phenomenology narrative of geography

Palavras-chave em inglês:

Human geography

Imaginary

Travels

Phenomenology

Área de concentração: Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

Titulação: Mestre em Geografia

Banca examinadora:

Eduardo José Marandola Junior [Orientador]

Antonio Carlos Queiroz do Ó Filho

Letícia Carolina Teixeira Pádua

Data de defesa: 03-08-2016

Programa de Pós-Graduação: Geografia



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL

AUTOR: Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

“Por abismos... casas... mundos... a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia. ”

ORIENTADOR: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

Aprovado em: 03 / 08 / 2016

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz do Ó Filho

Profa. Dra. Letícia Carolina Teixeira Pádua

***A Ata de Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora,
consta no processo de vida acadêmica do aluno.***

Campinas, 03 de agosto de 2016.

A Gaia, minha filha, pela intensidade dada ao sentimento de mundo.

A mãe dela, Ju, companheira, por me encorajar a buscar o mundo que sou. E por dotá-lo de um sentido todo especial.

Caê

AGRADECIMENTOS

Sinto que esta dissertação emerge de uma jornada vivida intensamente. Sou muito grato às pessoas que, de diferentes maneiras e intensidades, dela participaram. No final de 2011 enviei um e-mail ao **Eduardo** a fim de conversar sobre voltar aos estudos na universidade. Trabalhava como professor de Geografia há alguns anos e começava a sentir falta de dar continuidade à formação. Agradeço ao **Pablo** por tantas vezes ter dito para que eu procurasse o Eduardo em Campinas. Há muitos motivos para aqui agradecer o Eduardo: o respeito e a paciência com minhas angústias e inquietações, o incentivo para ler literatura e pensar uma geografia para além dos limites de uma disciplina acadêmica, entre outros. Quero destacar, no entanto, um em especial: se, por um lado, o e-mail enviado fora um ato de coragem, isto é, feito junto ao coração e atendendo à libido geográfica que me percorria por inteiro, sinto que o Eduardo não apenas compreendeu tal situação como contribuiu intensamente para que tal libido pudesse florescer. Portanto, é sobretudo por me encorajar a realizar tal jornada que aqui reitero meus agradecimentos. A verdade é que não esperava que tal e-mail fosse me fazer chegar ao que é este presente trabalho. Sou imensamente grato aos companheiros do **NOMEAR – Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia** – que, desde o retorno aos estudos acadêmicos, proporcionaram momentos diversos de aprendizados, angústias e encontros. Os sábados à tarde passados no Fran’s Café discutindo livros, conhecendo autores e outras possibilidades de pensar o mundo, alimentando a imaginação para futuros projetos; a oficina “Caminhante–Andante” que tanta angústia despertou, mas que também tantos encantos irrompeu; a oficina “Epistemologia do pensamento fenomenológico”, momento de densas leituras e amadurecimento do projeto apresentado para o ingresso no mestrado; a oficina “Fenomenologias do pensar: ler, escrever, conversar”, provocadora e instigante e que despertara a ânsia de buscar uma escrita fenomenológica. Também as reuniões nas quais apresentei esboços de projetos e artigos foram fundamentais para ter melhor compreensão das possibilidades e limitações desta dissertação. Agradeço às pessoas que participaram desses acontecimentos, pois considero que este trabalho tenha muito do que neles foi vivido. Em especial, agradeço: a **Carolina M.** pela ajuda e paciência com o abstract; ao **Rafael B.** por tantas vezes ter me acolhido em sua casa, situações nas quais muitas conversas me provocaram a delimitar melhor o projeto que havia apresentado; ao **David D.** pela viagem que

realizamos à Londrina, na qual boas conversas e estradas percorremos; ao **Hugo P.** pelo acolhimento nas últimas etapas; a **Priscila** pela contribuição ao texto que apresentei no Enanpege de 2015 e pela dissertação que, no meu caso, abriu caminhos para pensar a relação geograficidade-geosofia. Também os trabalhos de **Diana Alexandra** e de **Fernanda de Paula** possibilitaram que eu desenvolvesse o pensamento desta dissertação. Enfim, sou grato ao grupo tanto pela possibilidade de pensar a convivência como a solidão e pela oportunidade de aprender algo em ambas as situações. Ao **Alberto** agradeço pela disponibilidade de contar suas experiências de viagem, mesmo sem saber muito bem o porquê daquilo. Ouvi-lo, e também compartilhar experiências minhas, foram momentos muito importantes para eu pensar o sentido do que estava buscando, foram conversas nas quais eu saía meditando acerca de minha própria existência. Devo um agradecimento ao **Carlos Queiroz**, que no exame de qualificação me instigou a procurar a estética do trabalho e apontou o próprio mangue como uma possibilidade. Sua análise na qualificação, assim como seu artigo “Memórias Inventadas”, contribuíram para que neste texto eu buscasse uma escrita autêntica. À professora **Ana Patricia** agradeço pela força da imagem de cultivar a Terra, ao invés de explorá-la. Toda essa jornada vivi acompanhado da **Juliana** e a ela dedico este trabalho, além de agradecer: por muitas vezes me tirar do casulo para viajarmos; por possibilitar, por outro lado, que eu permanecesse no casulo a fim de ler e escrever; por me ouvir atentamente nas vezes em que me empolgava com o texto; por respeitar os momentos de solidão, tão necessários para melhor apurar as ideias. Sem ela, certamente não teria conseguido escrever o presente trabalho e sou muito grato por isso. Espero um dia poder retribuir. Nossa filha chegou e deu um colorido todo especial à vida, uma intensidade de sentimentos até então nunca sentida. Agradeço a **Rose**, aos meus **pais** e aos meus **sogros**, porque no momento em que fora preciso maior dedicação à escrita, eles foram fundamentais no cuidado com a **Gaia**.

Existir para nós é partir de lá, do que é mais profundo em nossa consciência, do que é “fundamental”, para destacar no mundo circundante “objetos” aos quais se reportarão nossos cuidados e nossos projetos.

(Eric Dardel)

RESUMO

POR ABISMOS... CASAS... MUNDOS...

A GEOSOFIA COMO NARRATIVA FENOMENOLÓGICA DA GEOGRAFIA

É a partir de pensar origens que segue este trabalho em direção à pergunta pelo conhecimento geográfico emergido da geograficidade. Orientada pela fenomenologia, tal pergunta é investigada tendo o ato de viajar enquanto fio condutor. Preocupado com o **como** a Terra aparece ao homem, pergunta-se pelo ato de viajar enquanto experiência que afeta o modo desse **como** encontrar a Terra. Tal **como** parece ser carregado de uma história geográfica própria a cada homem, e narrar tal história parece emergir enquanto necessário para aproximar-se da própria condição terrestre. Busca-se, no caminho aqui percorrido, cultivar o caráter geográfico da existência a partir de um sentido geográfico para o viajar: viagem enquanto ato de criar geosofias. Uma das origens deste presente trabalho advém da experiência de uma viagem à Ilha do Cardoso (SP), mais precisamente de uma caminhada no mangue. Cultivada, narrar tal experiência fez irromper da lama a presente obra. Obra que tem na tríade **geograficidade-viajar-geosofia** sua estrutura tal qual o mangue tem suas **raízes-caule-folhas e flores**. A caminhada no mangue é aqui compreendida enquanto experiência de vertigem geográfica, e o sentido para tal experienciar é o de fazer rebentar novas referências de mundo. Cultivar os sentidos dessa experiência e se esforçar para narrá-los, enquanto ato de nomear o irromper de mundos, é a necessidade que move esta dissertação. O sentido de viajar adquire, com isso, um caráter de jornada voltado à condição terrestre: uma jornada em direção a geografias correspondentes. Tal jornada pode evocar, nesse sentido, uma resistência àquilo que fora denominado esquecimento do ser. Resistência que pode ser pensada enquanto anti-esquecimento do ser, se cultivadas as experiências marcantes da existência. Para tanto, compreende-se a palavra história não enquanto aquilo que já passou, mas enquanto um originar-se a partir de tal passado. Orientação em relação ao mundo, a geosofia enquanto constituída de vínculos geográficos, estes intensamente afetados por acontecimentos geopoéticos, acontecimentos que parecem trazer um frescor para o **como** se vê a Terra e renovar a história geográfica de cada homem. Um exemplo de acontecimento geopoético é o abismar toponímico, experiência na qual se compreende a origem de um nome: o nomear enquanto ato de desvelar um mundo vivido geograficamente. Encarando o viajar enquanto possibilidade para reconhecer-se na condição de ser-no-mundo é que irrompe um parto geográfico, uma experiência de paisagem presentificada fundadora de referências geosóficas, florescidas de pontos cordiais. Caminha-se, portanto, exalando uma geografia à flor da pele, numa viagem sem escalas na qual encontram-se caminhos incógnitos, verdadeiros sopros de um mundo pensado poeticamente.

Palavras-chave: geograficidade; experiência geográfica; viajar; existência.

ABSTRACT

THROUGH ABYSSES... HOMES... WORLDS...

THE GEOSOPHY AS PHENOMENOLOGIC NARRATIVE OF GEOGRAPHY

It's from thinking origins that this thesis goes towards questioning the geographical knowledge emerged from the geographicity. Oriented by the phenomenology, such inquiry is conducted through the act of travelling. Concerned about **how** the Earth appears to the man, travelling is taken as an experience that affects **how** men encounter the Earth. The way this experience happens appears to carry its own geographical history for each inhabitant, and also narrating their stories seems to be necessary in order to approach the understanding of the earthly condition. In that sense, the aim here is to cultivate the geographical character of existence from thinking a geographical sense of travelling: the travel as act of creating geosophies. One of the origins of this work is a travel experience to Cardoso Island, more precisely, from a walk into the mangrove. Narrating that experience felt like this work was arising from the mud, and structuring itself in the triad **geographicity-travel-geosophy** as the mangrove has its **roots-stems-leaves and flowers**. The walk into the mangrove here is understood as an experience of geographical vertigo, which allows the rising of new world references. Thus, the intent that moves this thesis, is to cultivate the senses of this experience and the endeavor of narrating it while naming the merge of old and new references. The sense of travel acquires, thereby, a character of journey towards the earthly condition: a journey in pursuit of corresponding geographies. Such journey may evoke an act of resistance to the oblivion of being. This resistance can be comprehended while an anti-oblivion of being, if cultivated the meaningful experiences of existence. Therefore, the word history isn't understood as a context that has passed, but as a derivation from it. The geosophy as an orientation towards the world, consists of geographic ties intensely affected by geopoetics events, which seem to bring freshness to **how** one sees the Earth and renew the geographical history of each man. An example of a geopoetic event is the toponymic abyss, an experience in which one understands the origin of a name: the act of naming as unveiling a geographically experienced world. Facing travelling as a possibility of recognizing oneself in the condition of being-in-the-world is what awakes the geographical birth, an experience of presentified landscape as a founder of geosophical references, flourished from hearty points. One walks, therefore, exuding a geography on the edge, on a non-stop trip with concealed ways, true blows of a world poetically conceived.

Keywords: geographicity; geographical experience; travel; existence.

SUMÁRIO

<i>Da necessidade de cultivar e de narrar experiências viageiras</i>	13
PENSAR ORIGENS	15
1. Que é o conhecimento geográfico emergido da geograficidade	15
2. “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos”	17
3. Que somos das paisagens percorridas	22
4. Desse modo, é esperado que	26
5. A Geografia como necessidade, a geografia como apelo	30
6. Que alimenta o desejo	33
7. A lama do mangue, barro	37
8. Do título	42
9. A tríade	46
VERTIGEM GEOGRÁFICA, POÉTICA DA GEOSOFIA	48
10. A caminhada se deu no mangue	48
11. <u>Vertigem</u>	50
12. Em plena mata fechada, uma onça	51
13. Acampar, ficar numa pousada ou alugar uma casa	55
14. Oferecer resistência	59
15. Cultivar a imaginação do encontro	61
16. Aquele sábado a tarde	64
17. O caminho agora encontra-se sinuoso	69
18. O mangue respira	77
19. Um abismar toponímico	78
20. John K. Wright	82
21. Um abismar iniciático	87
22. O sol aquece o mangue	98
23. Pontos cordiais	99
24. Passo que abre caminhos	101

TERRAS DESMEDIDAS, CAMINHOS INCÓGNITOS	103
25. Geosofia, soprar caminhos	103
26. <u>Terras desmedidas</u>	105
27. A ideia de viajar nauseia-me	106
28. O andarilho	109
29. Caranguejos com cérebro	111
30. Sopro aforístico II	112
31. Sopro aforístico III	114
32. <i>Ceci n'est pas une carte</i>	115
<i>Prestes a viajar, a casa muda sua tonalidade</i>	116
REFERÊNCIAS	117

Da necessidade de cultivar e de narrar experiências viageiras

Li, em Michel Serres (2015, p. 33), sobre a **necessidade do contar-se para nascer**. Afirma ele que “nem você, nem eu, nem ninguém existe sem a narrativa de nossa existência, mesmo no cotidiano; é necessário contar-se para nascer; mesmo uma coisa, é preciso narrá-la para que ela ocorra”. Como é vigorosa a leitura de algo que há muito já se encontrava em nós, quase adormecido, porém não de todo desconhecido! É possível sentir um vigor quando pensamentos se encontram, quando a urdidura do pensar é adensada. O que move este presente trabalho? A possibilidade de percorrer um caminho orientado pela geografia fundada na ligação homem-terra: pensar uma ontologia geográfica, proposta sobretudo por Eric Dardel (2011), a partir da fenomenologia. O caminho aqui pensado tem um nome: **geosofia**. Não se criou tal palavra, mas a ela fora dado um sentido próprio: uma apropriação que buscou escavar um sentido apropriado a este trabalho, isto é, pensar cuidadosamente, à maneira de Heidegger (2009a), o que o termo geosofia pode dizer àquilo que este trabalho busca. Emerge este trabalho da necessidade de demorar-se cuidadosamente em algumas e distintas experiências de viagens, de perscrutá-las a procura de **um** (de diversos possíveis) sentido geográfico para o ato de viajar: o de ser um ato que mexe com referências geográficas primitivas, referências que constituem um modo próprio de cada homem ser-no-mundo. Nesse sentido, viajar colocaria em movimento um conhecimento geográfico que não deve ser confundido com o conhecimento institucionalizado, medido por parâmetros científicos, mas um conhecimento geográfico situado no âmbito do pré-teórico. Cultivar e narrar experiências viageiras quer dizer, aqui, pensar cuidadosamente nesse conhecimento geográfico, isto é: perguntar por tal conhecimento, a partir do viajar. Considerar a necessidade de cultivar e narrar tais experiências é, ainda, remeter ao pensamento de Heidegger (2000, p. 13), filósofo preocupado em perguntar pelo “sentido que reina em tudo o que existe”. Ao distinguir dois tipos de pensamento, “o pensamento que calcula e a reflexão (*Nachdenken*) que medita”, Heidegger (2000, p. 14) afirma que todo homem é capaz de “seguir os caminhos da reflexão à sua maneira e dentro dos seus limites [...] Basta demorarmo-nos (*verweilen*) junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora”. Essa possibilidade de todo homem poder meditar sobre o aqui e o agora, de poder pensar o sentido das coisas que existem, isto que Martin Heidegger chamou de meditar e que tem um caráter de uma reflexão acerca da existência, é o que interessa a este trabalho. É nesse sentido que cultivar e narrar experiências de viagem ganham mais força: a partir de viagens realizadas, imaginadas e sonhadas, pensar a própria existência. Tal pensar, como se pretende aqui mostrar, pode ser um modo de apropriar-se de uma história geográfica vivida em ato e, nesse sentido, aproximar-se do que Michel Serres propôs: contar-se para nascer. Serres (2015, p. 94) é quem leva um pouco mais adiante as inquietações deste trabalho, quando pensa: “quem sou eu?, eis minha resposta: o embrenhar de minha narrativa por entre o frondoso de minhas paisagens, externa e íntima”. A Geografia enquanto caminho de pensamento que apela a embrenharmos paisagens, territórios e lugares da existência. Um embrenhar sensível em direção a mundos conhecidos e desconhecidos, um

embrenhar geográfico, um embrenhar que quer, geograficamente, pensar a existência. A sensação é a de que nesse embrenhar adentramos em nós mesmos, o que faz deste embrenhar uma **jornada**: um ato de pensar o próprio habitar, isto é, de cuidar daquilo que se é. Quer-se, aproximando os termos jornada, pensar e habitar, enfatizar o sentido que Heidegger (2006, p. 129) dera à palavra habitar: “Habitar [...] permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência”. Desse modo, tal embrenhar enquanto jornada tem o sentido de resguardar o mundo que somos. Mas como contar, como narrar tal jornada que parece estar voltada à geograficidade? Por que a geosofia pode ser um caminho de pensamento possível? Será ela uma narrativa fundada na geograficidade? Nesse embrenhar, eis que um aforismo taoísta, de Lao-Tzu (2006, p. 41), aparece. É apenas um trecho e nele se pode ler: “o espaço entre o Céu e a Terra é como uma flauta; vazia, ainda sim, inexaurível; soprada, mais e mais sons produz”. Tal trecho nunca apareceu tão claro como agora. Ressoa como apelo, repercute como desejo: soprar, poeticamente, a flauta. A palavra inexaurível encanta e sugere o inesgotável começar de mundos. Compreende-se, agora, um pouco mais do porquê de se produzir esta dissertação. Há um apelo, é possível senti-lo: um apelo telúrico que alimenta o desejo de pensar em como resistir àquilo que Martin Heidegger (2005) denominou **esquecimento do ser**. Eis uma possibilidade: é necessário, para tal resistência, conseguir contar a própria história, geograficamente. É preciso ter a coragem de tocarmos a flauta nós mesmos: **soprarmos a narrativa das paisagens, dos territórios e dos lugares que somos**. É no sentido de pensar junto ao coração que se quer, aqui, cultivar e narrar experiências viageiras: contar o nascer de mundos, para que a intensidade do parir nos aproxime do coração e nos possibilite pensarmos a partir de pontos cordiais.

“O que será que me dá
 Que me queima por dentro, será que me dá
 Que me perturba o sono, será que me dá
 Que todos os tremores me vêm agitar
 Que todos os ardores me vêm atizar
 Que todos os suores me vêm encharcar
 Que todos os meus nervos estão a rogar
 Que todos os meus órgãos estão a clamar
 E uma aflição medonha me faz implorar
 O que não tem vergonha, nem nunca terá
 O que não tem governo, nem nunca terá
 O que não tem juízo”

trecho final da música **O que será (À flor da pele)**
 de Chico Buarque.

PENSAR ORIGENS

tal qual as raízes do mangue vermelho, que se lançam umas sobre as outras afundam e emergem da lama, nos lançamos numa busca em direção às origens que sustentam e dão sentido ao caminho a ser aqui percorrido.

1. Que é o conhecimento geográfico emergido da geograficidade? Eis a pergunta que move este trabalho. Que o viajar pode mostrar desse conhecimento e o que esse conhecimento pode mostrar do viajar? São questões que pairam sob o horizonte de nossa busca. Radicalizar o pensar e fazer uma Geografia orientada pela fenomenologia, que é preciso para que isso aconteça? Murmúrios: buscar raízes, pensar origens. Eis, aqui, o desafio que perpassará todo este trabalho, a saber, o de buscar origens a partir de um pensar ele mesmo originário, o que equivale dizer: trazer à luz a dimensão originária do conhecimento geográfico, por um pensar que lhe seja correspondente. Dito de outro modo, esse pensar só se manifestará no seu fazer, não há nada pronto, nada para ser posto à prova: é necessário fazê-lo percorrer seu próprio caminho. Tal desafio aparece como necessidade: é preciso um pensar-embrenhar para que o conhecimento geográfico que emerge da geograficidade possa ser desvelado. É preciso esclarecer, de antemão, que a pergunta inicial não esteve clara desde sempre, embora seja possível que ela já estivesse próxima há muito. No entanto, demorou-se para vê-la com maior clareza, para anunciá-la, e, sobretudo, para deixá-la mover este pensar. Quando isso foi possível, outra questão, também essencial, apareceu: Que é o viajar enquanto ato que estabelece geosofias? Pensar essas questões será, neste trabalho, pensar também o caminho que o levou a enunciá-las. Com isso, espera-se, numa perspectiva heideggeriana, situar o

trabalho na dimensão originária daquilo que é digno de ser perguntado.

“Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o ‘lar’, o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: **base onde se aconchega nossa subjetividade**. Existir para nós é partir de lá [...]”. (DARDEL, 2011, página 41, **grifos nossos**)

2. “Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos”, A.

pegou suas malas e dirigiu-se ao aeroporto, não sem antes passar pelo banheiro a fim de aliviar medos e ansiedades. Nessa ocasião, foi ao Recife, sua primeira grande viagem sozinho, lá iria encontrar um amigo. No entanto, A. reconhece que quando viaja pensa que o dinheiro pode acabar ou que alguma outra coisa, quase com certeza, poderá dar errado. Isso faz com que uma dor de barriga o acompanhe durante um bom tempo da viagem, até a sua metade, pelo menos. Mesmo depois de ter morado fora durante a faculdade, ir ao Recife lhe causou paúras de abandonos, mas também satisfações de liberdades. É verdade que sente que tais sensações se davam com maior intensidade nas primeiras viagens: viajar mexia com as entranhas de A. a tal ponto que era preciso expulsá-las do corpo, como se para desfrutar da viagem necessitasse livrar-se de sentimentos que atrapalhavam a possibilidade de uma entrega às paisagens que viria percorrer. Hoje, com a esposa, arrisca viajar sem planejar itinerários ou reservar hospedagens, mesmo com certo receio A. tem aceitado realizar uma viagem sem ter ao certo todo o roteiro organizado. Na verdade, apenas uma vez viajara por agência turística, sempre se reconhecera como alguém que viaja “querendo andar pela rua misturado às pessoas”, que viaja para não fazer o que “posso fazer em casa”, como me contou em uma das conversas que tivemos a respeito de suas experiências de viajar. Ao falar das viagens, A. deixava transparecer a relação que mantém com a casa e o bairro onde nasceu e mora até hoje, relação esta que parece dar, ao ato de viajar, uma intensidade relevante e também oscilante: a viagem enquanto experiência que desperta medos e ansiedades, mas que também ressoa como libertação e conquista. De qualquer modo, viajar parece aproximar A. da possibilidade de uma **metamorfose**. Pensar a viagem enquanto possibilidade de uma metamorfose, nesse sentido, é cultivá-la enquanto ato que afeta a relação que temos para com os espaços geográficos nos quais existimos: espaços de morada ou de passagem, atrativos ou repulsivos, conhecidos ou desconhecidos, lembrados

ou esquecidos, espaços vividos geograficamente. Considerar a viagem enquanto possibilidade de metamorfose, ainda, remete à necessidade de cada homem enfrentar os próprios medos e mistérios a fim de cumprir a jornada que lhe é correspondente. A frase que abre este presente parágrafo foi emprestada do início do livro “A metamorfose”, de Kafka (2009), no intuito de destacar o instante no qual o homem é capaz de sentir que despertou para um novo modo de ser-e-estar-no-mundo.

Nas conversas com A., sempre que possível, eu tentava me manter em silêncio, mais ouvindo o que ele dizia do que querendo extrair dele algo já definido. Estava interessado que ele narrasse livremente sua relação com o viajar, encarando tais conversas no intuito de deixar fluir a experiência e não de guiar a conversação para dela extrair informações planejadas *a priori*. Marandola Jr. (2014a, p. 211), sobre tal perspectiva, considera que: “O pesquisador deve construir as pontes para que a conversação se estabeleça, senão será um inquérito de mão única”. O que, neste trabalho, contém das conversas que estabeleci com A. e com algumas outras pessoas durante o processo, é menos as histórias de viagens dessas pessoas e mais o que essas histórias se mostraram aproximadas do horizonte de preocupação deste trabalho. Dito de outro modo: as conversas não estão aqui em forma de histórias de viagens, mas elas mesmas compõem a tessitura deste texto. Antes de essas conversas acontecerem, já fazia parte das preocupações deste autor o interesse pelos sentimentos que os espaços geográficos despertam no homem, embora o reconhecimento de tal interesse, assim como sua enunciação, só fora possível pela aproximação com a Geografia Humanista e, sobretudo, com sua perspectiva fenomenológica. Desse modo, as conversas misturaram-se no processo que este texto desvela, juntamente com algumas obras literárias e filosóficas, entrelaçando os caminhos percorridos na direção de um pensar voltado à relação entre o viajar e o conhecimento geográfico.

Espera-se que este trabalho exponha elementos pertinentes à discussão tanto acerca da natureza do conhecimento geográfico como acerca do ato de viajar enquanto ato que mexe com tal conhecimento, a fim de estabelecer diálogos tanto com a ciência geográfica como com pesquisas que desejam superar um pensamento disciplinar. Atenta aos mais variados sentimentos que os espaços geográficos despertam, esta dissertação pergunta pelo conhecimento geográfico emergido da relação sensível que se tem para com os espaços geográficos nos quais existimos, ou, em outras palavras, este trabalho indaga sobre o conhecimento geográfico que emerge da geograficidade. Geograficidade, termo usado por Eric Dardel e que designa, segundo Marandola Jr. (2014a, p. 75), “a característica daquilo que possui existência, a partir de uma realidade geográfica. Esta resiste a nós, convocando nossa presença e intencionalidade”. A **realidade geográfica**, ao impor para o homem certa resistência a fim de que ele se faça um habitante terrestre, faz brotar, nesse homem que a ela reage, sentimentos emergidos de tal embate. Tal realidade não é, desse modo, algo exterior ao homem ou algo *a priori* existente, mas **um acontecimento**, uma realização brotada de um embate no qual o homem se depara com todos os outros entes e seres que compõem o mundo que é. Nesse sentido, a realidade geográfica apenas se dá como ato. Compreender a própria realidade geográfica, assim como considerar a existência de outras realidades geográficas, lutando para que ambas possam coexistir de modo livre e verdadeiro, eis uma face do apelo que este trabalho responde.

A realidade geográfica é vívida e pulsante, feita a cada nova experiência, a cada nova relação que o homem estabelece nas paisagens, lugares e territórios que compõem o mundo que é. Realidade que aparece ao homem de acordo com a oscilação de sentimentos despertados ou encobertos por tais espaços. Nesse sentido, o ato de viajar parece albergar a possibilidade de intensificar tais sentimentos. Certa vez, numa saída à campo

para observar e estabelecer conversas acerca do viajar, na rodoviária da Barra Funda em São Paulo, encontrei com um senhor que estava prestes a pegar um ônibus para Porto Feliz, cidade do interior do estado e não muito distante da capital. Contou-me que estava indo a trabalho, fazia isso toda a semana, ia na segunda-feira e retornava na sexta-feira, mais ou menos no mesmo horário, isto é, no fim da tarde. Perguntei se ele viajava muito, disse que fazia aquilo já há um tempo, mas que viajar mesmo era para a Bahia, de onde viera, há mais de trinta anos: “Isso é bom que alivia né... alivia a gente”. Para Porto Feliz não pareceu haver tal alívio, enfatizado quando pensou na Bahia. Por quê? Que pode ser esse alívio? Retornar à casa da infância? Evadir, por um tempo, das obrigações e compromissos do trabalho, passar um intervalo de tempo viajando, isto é, percorrendo outras paisagens e obedecendo a outros ritmos e interesses? Por isso que para Porto Feliz não se tratava exatamente de uma viagem ou, pelo menos, não tinha ela o mesmo sentido de quando viajava para a Bahia? Não pudemos estender muito a conversa, logo o ônibus para Porto Feliz chegou e ele se foi deixando, no entanto, a palavra alívio próxima. Se uma viagem pode despertar um alívio, parece plausível propor que, antes de considerar que toda viagem pode despertar tal sensação, melhor pensar que o viajar alberga a possibilidade de afetar o **como** a realidade geográfica aparece ao homem, **como** ela é sentida e vivida. O que gera dor de barriga em A.? O ato de abandonar a casa da infância? De sair, por um tempo, do bairro que lhe é familiar? De afastar-se da paisagem e dos caminhos conhecidos e viajar, isto é, estar noutra realidade que se revela, antes de tudo, uma realidade desconhecida e na qual nunca se esteve?

Não se pretende aqui apontar causas de alívios, dores de barriga, ou qualquer outra sensação despertada numa viagem, não se trata de tentar estabelecer causas e efeitos. Antes de tudo, o que se quer é pensar a dimensão afetiva do conhecimento geográfico a partir do ato de viajar,

concordando, desse modo, com Bailly e Scariati (1999, p. 73): “Nous avons tous dans nos biographies des événements, dans lesquels se fondent des expériences de lieux, des découvertes d’espaces qui sont aussi découvertes de nous-mêmes”¹, sendo, continuam os autores, as viagens momentos especiais para que tais acontecimentos ocorram: “Les voyages sont des moments particuliers de l’existence, dans lesquels nous sommes confrontés, de façon plus explicite, à l’espace”². Confrontado de modo imediato com os espaços percorridos numa viagem, além do confronto com a casa abandonada temporariamente, o homem pode descobrir a si mesmo, ao puxar da memória e tentar narrar viagens marcantes de sua existência, conforme Bailly e Scariati (1999, p. 73) permitem assim pensar: “Ainsi, puisant dans nos mémoires, nous pouvons tous retracer les étapes de notre exploration du monde, les premiers instants, premiers voyages marquants de notre vie”³. Pensar a necessidade de narrar, a partir da viagem enquanto momento particular e marcante da existência, o conhecimento geográfico emergido de experiências nas quais a condição terrestre emerge **à flor da pele**.

¹ Tradução livre: “Temos todos nós em nossas biografias os acontecimentos nos quais se fundam as experiências de lugar, de descobertas de espaços que são também descobertas de nós mesmos”.

² Tradução livre: “As viagens são momentos particulares da existência, nos quais somos confrontados, de modo explícito, com o espaço”.

³ Tradução livre: “Assim, puxando na memória, todos podemos traçar as etapas da nossa exploração do mundo, os primeiros instantes, primeiras viagens marcantes da nossa vida”.

3. Que somos das paisagens percorridas, das casas habitadas, dos lugares e territórios estabelecidos; das praias já pisadas, das montanhas jamais escaladas, das cidades não visitadas, dos mares nunca mergulhados? Para onde desejamos, ainda, um dia, viajar? Que viagem realizada emerge como mais marcante para o que somos hoje? Esse perguntar não implica um voltar-se completamente para si mesmo, a fim de pensá-lo e respondê-lo, mas exige, antes de tudo, um pensamento que precisa dirigir-se aos espaços geográficos que compõem certa dimensão originária da existência, dimensão geográfica vivida pelo homem ao habitar a Terra, ligação homem-terra nomeada **geograficidade** por Eric Dardel. De acordo com Dardel (2011, p. 2-3), tal ligação, presente em todo homem, é “uma relação concreta [que] liga o homem à Terra”, “uma geografia em ato” que destina todo homem a existir estando sempre situado por uma relação base-horizonte: sob uma **base** – seja ela aérea, líquida ou subterrânea... concreta e imaginada, e voltado sempre a **horizontes** – limites e aberturas de mundos. Desse modo, a ontologia geográfica proposta por Eric Dardel constitui, a partir dessa relação base-horizonte, um **mundo vivido geograficamente**. Mundo vivido e pensado geograficamente, a Terra encarada a partir de um determinado prisma revelador do caráter geográfico da existência.

Para Dardel (2011, p. 47), a história da geografia, considerada a partir da geograficidade, é uma história preocupada com o “despertar de uma consciência geográfica, através das diferentes intenções sob as quais aparece ao homem a fisionomia da Terra”. Portanto, uma história voltada para a ligação originária que é a geograficidade, uma história preocupada com o **como** a Terra, a partir de distintas **intenções**, aparece ao homem, história que revela **como** tal ligação é estabelecida. História fluida, de um mundo vivido geograficamente: história de como as paisagens, os lugares e os territórios aparecem ao homem ao longo da sua existência, história repleta de encontros

e desencontros. De forma alguma uma história pré-definida, pelo contrário, história sempre a ser estabelecida por uma geografia em ato: pulsante.

Pisando com as mãos, o texto aqui tecido permanece sempre em aberto, ele se encaminha..., é o texto o próprio caminhar, sempre à espreita de possíveis elementos que adensem a urdidura que lhe é própria. Que pode ser uma justificativa para esta dissertação? Qual o apelo a que este trabalho deve responder? Tal apelo vem da leitura de Dardel (2011, p. 96) quando, na conclusão de seu livro, escreve: “Um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi ‘desnaturada’, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos”. Eis um drama, o de ver a Terra não em sua abertura originária, mas a partir de uma lente que a geometriza: uma Terra **desnaturada**. Que isso pode significar? Que pode ser esse ver a Terra desnaturada? Há uma possibilidade para se pensar nessa pergunta: com a Terra desnaturada, parece o homem distanciar-se de conseguir pensar, e dizer, a ligação originária que estabelece com a Terra, ele se distancia de seu solo natal, permanece distante da possibilidade de um habitar autóctone. É plausível considerar tal possibilidade? Supondo que sim, se consegue enunciar uma pergunta, que visa, antes de tudo, uma saída para tal distanciamento: se o homem conseguir contar, geograficamente, sua própria história, a saber, uma história feita dos espaços geográficos que constituem o mundo que é, pode, com isso, caminhar para um anti-esquecimento do ser? Poderá ele ver a Terra, finalmente, não desnaturada? A justificativa em forma de perguntas: pergunta-se sobre a natureza do conhecimento geográfico, sua relevância contemporânea e suas possibilidades para se resistir ao distanciamento de poder encontrar a Terra em todo o seu pulsar originário. A justificativa em forma de desejo: considerar tal conhecimento para pensar e lutar por um habitar autêntico.

Numa perspectiva heideggeriana, o habitar inautêntico, ou melhor, a **crise do habitar**, é marcada pela cisão homem-terra. Cisão que exacerbou um objetivismo científico: a dicotomia sujeito-objeto, ou, dito de outro modo, opôs consciência e mundo. Visando uma direção contrária da compreensão dicotômica sujeito-objeto, Heidegger (2006) pensa um habitar poético: um habitar fundado na criação de uma medida verdadeira entre o homem e a Terra, medida autêntica, desvelada na própria tensão que o homem enfrenta para existir. Diana Alexandra Bernal pensou tal crise do habitar a partir da imagem de um deserto, aludindo a processos de urbanização que, cada vez mais, adensam concretos onde antes haviam elementos naturais. De acordo com Bernal (2015, p. 6), “o habitar urbano se tornou naturalizado”, sendo que o que se naturalizou foram os “riscos que estão ligados ao próprio modelo de urbanização, além de um afastamento radical, do ponto de vista da experiência, homem-terra”. Bernal (2015, p. 100) pensou enquanto desertificação tal afastamento homem-terra, a partir da relação homem-água e encontrou certa ambiguidade no habitar contemporâneo: “pudemos encontrar que, pelas fissuras das experiências particulares se manifestaram as hidropoéticas, mesmo que apenas por momentos ou na forma de vislumbres”. Tal ambiguidade parece manifestar-se também no esforço e no desejo de se realizar uma viagem na qual o homem encontre a si mesmo e, nesse sentido, desvele sua medida própria, seu habitar autêntico. Anne Buttmer (1982, p. 165) pensa a palavra *dwelling*, termo heideggeriano para habitar, no sentido de: “viver harmoniosamente no lugar, sentir-se em casa tanto social, ecológica e espiritualmente”. Eric Dardel, ao identificar a terra desnaturada enquanto um drama do homem contemporâneo, não encerra a possibilidade de este homem reverter tal situação mesmo que pareça cada vez mais difícil tal reversão. A viagem, compreendida enquanto jornada, parece manter em aberto tal possibilidade.

Este trabalho, ao pensar a relação geograficidade-geosofia espera, de acordo com suas próprias limitações e potencialidades, contribuir para se pensar uma superação para tal crise. Certamente, há muitos trabalhos e pensamentos que caminham na direção dessa busca por superar tal crise do habitar, e aqui serão trazidos alguns deles, sobretudo os que, no processo final da escrita, permaneceram mais próximos e intensos. Com isso, supõe-se que honrar um pensamento é deixá-lo habitar em nós, é confiar que em nós ele repouse, para dele nos apropriarmos, a fim de trazê-lo conosco em nossas jornadas. Tavares (2013, p. 29) instiga nesse sentido: “Não se trata pois de solidificar conceitos; pelo contrário: torná-los flexíveis; são coisas que utilizamos, são meios, não são aquilo a que pretendemos chegar”. Dar vida própria ao pensar é, nesse sentido, honrar a vitalidade da realidade geográfica, isto é, sua vivacidade.

4. Desse modo, é esperado que, ao menos um pouco, o sentido da pergunta inicial tenha sido clareado: que é o conhecimento geográfico emergido da geograficidade, isto é, o conhecimento brotado da ligação homem-terra? Ligação que implica experiências geográficas de distintas intensidades e tonalidades: paisagens ora tediosas, ora deslumbrantes, ora indiferentes, lembradas e esquecidas, atrações e repulsas por lugares e territórios. A sala, quente e abafada depois do almoço, por vezes não parece ser a mesma quando, à noite, recebe uma brisa fria, a luz, exagerada de dia e que tanto ofuscara a vista, na noite escura é sentida como ausência e necessidade. O mesmo chão que acolhe pode também repelir; o aconchego experienciado cada um leva consigo, tatuagens invisíveis que adentram a pele e se espalham pelo corpo, sedimentos de um mundo vivido geograficamente.

O escritor alemão Herman Hesse (1980), ao despedir-se da casa para uma longa viagem, a desenha e reconhece que, por tratar-se de uma despedida, sente intensificado o amor pela pátria. Noutro instante, porém, registra que não deixará, na casa, seu coração, “como se dice en las cartas de amor”, pois afirma reconhecer-se como “nómada” e não como “campesino”⁴; levará, portanto, o coração consigo, “también lo necesito en las montañas”⁵ afirma Hesse (1980, p. 10). O coração, a pulsar conforme as emoções despertadas, parece ser mais que uma mera testemunha da existência, parece que pulsa uma geografia vívida, e a geograficidade resguarda tal vitalidade, pois geografia feita de atos que são ligações – e desligamentos... – estabelecidas nos espaços que somos, geografia feita de aterramentos e esquecimentos da condição terrestre. Uma libido geográfica parece seduzir Hesse (1980, p.10), que confessa: “Mañana amaré otros tejados, otras

⁴ Tradução livre: “como se diz nas cartas de amor”; “nômade”; “camponês”.

⁵ Tradução livre: “também o necessito nas montanhas”.

cabañas”⁶. Como são atraentes alguns perfumes telúricos e como parece a Terra resguardar a força de fazer bater mais forte o coração dos homens.

Atraídos e repelidos, atentos e distraídos, a geograficidade implica que se presencie, para existir, um acontecimento geográfico, que sempre se dá situado por referenciais íntimos e viscerais, e também, conforme Besse (2015a) afirma, por referências construídas historicamente pelas sociedades. Parece coerente sugerir que essas referências tratem do **como** a Terra aparece ao homem, que elas revelem o habitante que somos, referências relativas às coisas que nos interessam – situadas próximas, e às coisas que ignoramos – distantes e esquecidas que estão. Referências primitivas de uma geografia feita no ato de **ser-geograficamente-no-mundo**. Besse (2015a; 2015b), a partir de Eric Dardel, pensa um **senso de geograficidade**, estruturado a partir de quatro condições transcendentais: distância, orientação, situação e grandeza. Noutro momento, esse senso e suas estruturas serão melhor esclarecidos. Por ora, é possível divagar: tais condições transcendentais constituem o ser-geográfico? E ele orienta-se, primitivamente, a partir de pontos cordiais?

Conseguir contar nossa própria história, geograficamente: narrar **como** aparecem os espaços geográficos que somos, contar **como** a realidade geográfica aparece a cada homem ou a uma dada coletividade, numa dada circunstância. A partir de referências não meramente subjetivas, isto é, não a partir de referências pertencentes a uma consciência apartada do mundo, tampouco de referências meramente objetivas, isto é, de referenciais constituídos de objetos alheios à consciência, mas uma história fundada em referências emergidas das experiências geográficas que acontecem ao longo da existência. Marandola Jr. (2014a), ao pensar a crise do habitar numa perspectiva de riscos e perigos ligados a questões existenciais, considerou a

⁶ Tradução livre: “Amanhã amarei outros telhados, outras cabanas”.

tensão segurança/insegurança para aludir à possibilidade de uma pessoa contar sua própria história. Afirma Marandola Jr. (2014a, p. 87, **grifos do autor**) que “Quando a pessoa tem suas bases de confiança e proteção estabelecidas, contando com a continuidade de **narrativa do eu** (sua própria biografia), em geral é porque tem tranquilidade sobre as questões existenciais”, referindo-se a “parâmetros básicos da vida humana”, nos quais a “sensação de estabilidade proveniente da continuidade da autoidentidade é uma espécie de síntese da segurança ontológica”. Interessa a este trabalho pensar em tal narrativa do eu ligada à possibilidade de uma pessoa reconhecer-se o mundo que é e, a partir disso, contar sua própria história.

O conhecimento geográfico enquanto narrativa de um mundo pensado a partir da geograficidade, história da geografia voltada ao modo próprio de habitar: narrativa do mundo que somos. É nesse sentido que este trabalho dará um sentido próprio à preocupação dardeliana quanto à história da geografia, a preocupação com o despertar de uma consciência geográfica: a história de uma geografia estabelecida em ato, no ato **como** a Terra aparece ao homem, narrativa necessária para se compreender o mundo vivido geograficamente. O que se pode ter, com isso, é uma ciência geográfica que possibilita o homem reconhecer-se o mundo que é, como habitante que é, uma Geografia que convoca cada homem a pensar seu próprio **habitar: seu próprio modo de ser-e-estar-no-mundo**, segundo Heidegger (2006) e, a partir dele, Marandola Jr. (2014a).

Encorajando tal perspectiva, vale a pena lembrar de quando Bachelard (2008, p. 28) pensa uma “topoanálise”, um estudo dos “locais de nossa vida íntima”. Sua poética do espaço desperta o desejo de uma escavação de tal intimidade, de um embrenhar por mundos de diversos tamanhos, composições e sentidos. Por sua vez, Buttimer (2015, p. 16), ao refletir sobre sua terra natal, pensa sobre a necessidade de uma educação que exija uma “atitude contínua de autoconsciência que ajudaria as pessoas a

acessar o significado de seus horizontes de alcance”. Atitude contínua que é um voltar-se ao próprio habitar. Nesse caminho, tem-se uma Geografia preocupada em convocar o homem a pensar seus próprios vínculos, a pensar suas intimidades e seus desejos de expansão e evasão. Serres (2015, p. 33) alerta para a necessidade do “contar-se para nascer” e, a partir disso, se tem: contar-se para nos pensarmos o modo **como** encontramos a Terra, narrar uma **história poética da geografia** a fim de trazer à luz os vínculos esquecidos e encobertos sobretudo pela hegemonia do modo geométrico de ver a Terra. Trazer à luz esses vínculos é completar, via o pensamento meditativo que Heidegger (2000) propôs, os laços estabelecidos na experiência geográfica. **Contar-se para nascer: contar-se para compreender-se como ser-no-mundo.**

5. A Geografia como necessidade, a geografia como apelo.

O pensar científico instigando o homem a refletir acerca do seu convívio no mundo, seus vínculos geográficos estabelecidos ao longo da sua vida, na sua relação com os outros e consigo. Que pode ser esse homem, que se dispõe assim a pensar, senão um geógrafo? Geógrafo? Interessado em quê? Aqui é evocado o geógrafo que em cada homem habita: o homem interessado em seu próprio habitar. Um geógrafo, é possível imaginar, formado na ligação nomeada geograficidade, formação cujo conhecimento emergido é o tema de investigação desta dissertação. Podemos ser todos geógrafos, se aceitarmos que a geograficidade resguarda a possibilidade de pensarmos um mundo vivido geograficamente. Não se pretende, com essa perspectiva, um afastamento em relação à formação acadêmica do geógrafo, pelo contrário, se considera a possibilidade de uma aproximação com trabalhos nos quais uma formação humanista é ansiada. Sauer (2000, p. 137) dissera que “o geógrafo já nasce em parte geógrafo”. Considerar o conhecimento geográfico como intrínseco a todo habitante, pode abrir, à Geografia, caminhos de pensamento necessários para responder questões contemporâneas acerca da relação homem-terra. Nesse sentido, a perspectiva de John K. Wright, geógrafo profissional, que em 1946 proferiu um discurso no qual defendeu a consideração de elementos subjetivos para se pensar o conhecimento geográfico, é de extrema relevância para esta dissertação. À época, diretor da *American Geographical Society*, proferiu um discurso intitulado “*Terrae Incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia”, no qual abordou um conhecimento geográfico não exclusivo dos geógrafos profissionais. Wright (2014, p. 15) aludiu às “ideias geográficas [...] de todo tipo de pessoa”, para aprofundar o sentido de “geografia do conhecimento” que abordara, uma geografia preocupada em investigar o conhecimento geográfico num sentido de “[...] senso [terrestre] espacial do homem”, conforme pensara Wright (2014, p. 15). Há relação entre esse senso terrestre com o senso de geograficidade? Respondo a tal questão de modo afirmativo, sobretudo para

poder continuar a tessitura deste texto, abrindo uma possibilidade de aproximar os pensamentos de Eric Dardel e de John K. Wright.

Para tanto, é preciso dosar o passo, demorar um pouco mais em John K. Wright, tantos pensamentos a leitura de seus textos suscitou, verdadeiro entusiasmo, um encontro fundamental: uma das origens do pensamento que esta dissertação é. Para a “geografia do conhecimento” Wright (2014, p. 14) deu o nome de **geosofia**, “o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista”. Acrescentou ainda que a geosofia lida com a “natureza e expressão do conhecimento geográfico tanto passado quanto presente”. Qual a natureza do conhecimento geográfico? Porque é possível ser estudado a partir de qualquer ponto de vista? Porque conhecimento fundado na geograficidade. Poder ser estudado a partir de qualquer ponto de vista, nesse sentido, é reconhecer que não urge selecionar se um tema pertence ou não à ciência geográfica, não há preocupação em encaixar dado conteúdo à disciplina científica, antes trata-se da busca pelo caráter geográfico da existência. Tudo pode ser geográfico, desde que consideremos o geográfico a partir da geograficidade: de uma dimensão originária da existência. Se fundada nessa dimensão originária, a geosofia pode dizer acerca de vínculos geográficos estabelecidos: vínculos frouxos e intensos, esquecidos e cultivados, laços afetivos que aparecem, ao habitante, enquanto paisagens, lugares e territórios.

Há, desse modo, um nome para a questão inicial deste trabalho, acerca do conhecimento brotado da geograficidade. Esse nome é a geosofia. Isso não significa que a questão está respondida, mas que se achou um caminho possível para pensar uma resposta, um caminho que exige uma tarefa: é necessário pegar a proposta de John K. Wright e cultivá-la, a fim de dar um sentido outro para a geosofia. Como? Fundando-a à geograficidade. Às coisas elas mesmas, afirma a fenomenologia, conforme Heidegger (2012) e Merleau-Ponty (2011) trataram de enfatizar. Que isso pode dizer? Ir às

origens não indica chegar num ponto final, mas sempre achar e depois recomeçar, a partir desse achado, rumo ao mais profundo, rumo às origens que sustentam o que algo é e que permitem que esse algo continue sendo ele mesmo, origem no sentido que Heidegger (2014, p. 7) deu ao termo: enquanto a proveniência de uma essência, proveniência que sustenta um “estar-a-ser”. Por isso **pensar origens**: cultivar o mundo que se é, pensar cuidadosamente o **como** se habita a Terra. Não um voltar-se ao passado e nele permanecer, mas trazer tal passado para mais próximo, para o presente, a partir das experiências que nos fizeram e que continuam a fazer o que somos. Mas, o que somos? Certamente, tal pergunta não parece indicar a possibilidade de uma definição estanque, mas sugere procurar a existência enquanto movimento, sempre aberta à possibilidade de que metamorfoses aconteçam.

Este quinto passo visou esclarecer de modo mais direto a relação entre a geograficidade e a geosofia. A Geografia pensada por John K. Wright considera o conhecimento geográfico – nomeado geosofia – intrínseco a todo habitante terrestre, um conhecimento feito de ideias geográficas emergidas do próprio ato de habitar a Terra. Por sua vez, Eric Dardel nomeou de geograficidade a essência do caráter geográfico da existência, isto é, a geograficidade é o nome de uma dimensão originária que todo habitante está destinado a estabelecer para existir. É nesse sentido que se propõe aqui pensar a relação geograficidade-geosofia: a geosofia enquanto conhecimento que desvela a geograficidade. Para tanto, faz-se necessário cultivar mais tal relação e, para isso, este trabalho parece voltar-se cada vez mais ao caráter pré-teórico da existência: o movimento deste pensar dirige-se às coisas elas mesmas e, desse modo, procura produzir uma Geografia orientada pela fenomenologia.

6. Que alimenta o desejo de pensar uma Geografia existenciária, isto é, uma Geografia interessada em pensar o âmbito ôntico-ontológico da existência, uma Geografia capaz de levar o homem a compreender sua própria condição terrestre? Das muitas possibilidades que nutrem a curiosidade geográfica e que podem levar à compreensão dessa condição, o ato de viajar é aquele que, para este trabalho, grita mais intensamente. Parece que há algo, no viajar, que me instiga a pensá-lo, talvez um sentido encoberto que desperte certa atração. Evidente que não apenas para mim que o viajar é instigante, o que é desejável, caso se queira um trabalho que gere interesse e diálogo. Quem não tem uma viagem para contar? Mesmo o não viajar parece pertinente: quem não tem uma não-viagem para lamentar, para ainda sonhar, guardada no cantinho de íntimos desejos ainda não realizados? A reação das pessoas, quando eu anunciava, em situações diversas, que este trabalho versaria sobre viagens, era bastante parecida, pois demonstrava uma vontade de compartilhar algo, seja contar alguma coisa de alguma viagem, seja perguntar se eu já conhecia essa ou aquela cidade ou, ainda, tecer algum comentário sobre o próprio ato. Por muito tempo essa sensação, das pessoas interessadas em dizer algo sobre o viajar, permaneceu, sem, contudo, conseguir ser pensada com maior clareza. Talvez seja possível, neste momento, melhor pensá-la.

Que mostram essas reações, esse querer compartilhar coisas sobre uma viagem ou sobre o viajar? Um entusiasmo de poder compartilhar mundos descobertos? Querer contar mundos encontrados? Parece razoável pensar que sim, embora se sabe que certas descobertas não são compartilhadas e que permanecem guardadas nas profundidades de cada um. Às vezes parece mesmo ser difícil encarar tais descobertas, pois se sente que se está a encarar a si mesmo, que se está a reconhecer o mundo que se é. A sensação é de que algumas viagens, quando narradas ou quando se tenta contá-las, resguardam o confronto entre o que se tinha antes e o que se tem desde que a

viagem fora realizada, causando estranhamentos ou confortos. Outro enfrentamento parece haver quando, ao viajar, deparamo-nos com uma distinção fundamental entre a **minha** casa e a casa do **outro**. Conflito entre um **conhecido** e um **desconhecido**, entre o que nos é **familiar** e aquilo que nos aparece como **estranho**. Nesse sentido, o ato de viajar sugere albergar, em sua essência, um sentido geográfico que mexe com o mundo que somos. Que pode ser esse sentido? Eis aqui a enunciação de **uma** possibilidade: atado intrinsecamente à geograficidade, pois fundador do conhecimento geográfico emergido dela, esse sentido mostra um **caráter geográfico do viajar**. Viajar, portanto, enquanto ato que **estabelece geosofias**. Eis o sentido pensado, neste trabalho, para o viajar: um **ato poético do conhecimento geográfico nomeado geosofia**, criador do modo como cada homem pensa, geograficamente, o mundo que é. Desse modo, não há preocupação em definir o que é e o que não é viajar, mas sim de cultivar um sentido de viagem: tal qual a geosofia poder existir em todo homem, pois fundada na geograficidade, o que determina o sentido do viajar é a sua possibilidade de criar geosofias. Espera-se, a partir disso, ser possível pensar em diferentes intensidades e relevâncias dos mais diversos tipos de viagem que se pode realizar, não havendo necessidade de recorrer a qualquer escala para pensar o viajar, pois o que interessa é seu caráter geográfico: o de **criar as referências primitivas que conservamos nos espaços geográficos**. Este caráter geográfico do viajar resguarda, portanto, uma **primitividade**: a possibilidade de estabelecer geografias primitivas, geografias emergidas do **encontrar imediato** que a geograficidade alude.

Merleau-Ponty (2011, p. 20), sobre a fenomenologia, escreve sobre a vontade de “apreender o sentido do mundo ou da história em sentido nascente”, isto é, a fenomenologia interessada em descrever um mundo que se abre diante do homem a cada novo instante, um mundo imediato que emerge antes de qualquer sistematização. Nesse sentido, rumo a esse caráter antepredicativo do mundo, é que aqui se tenta pensar o viajar, embora seja

difícil muitas vezes escapar dos caminhos de um racionalismo exagerado. Anunciou-se aqui um sentido de viagem aludindo a conceitos e essências para tanto, mas com isso correu-se o risco de um distanciamento do sentido primitivo do viajar. A tarefa de pensar origens exige um abandono do modo de pensar vigente até então, não porque se quer simplesmente descartá-lo, como se já não fosse mais preciso, não se pretende substituir um modo de pensar por outro, mas o que se espera é uma convivência. Abandonar tal modo de pensar, neste caso, significa assumir a fenomenologia como caminho a ser percorrido, sem ignorar os obstáculos próprios a este trabalho. Nesse abandono parece ressoar um sentido de liberdade, de aceitar o apelo para que outros caminhos sejam percorridos, que outros chãos sejam pisados. Pensar a geografia via fenomenologia tem levado este trabalho a chãos onde há um apelo para que o **pensar se dê com o corpo inteiro**, para que o que se coloque a pensar seja, de acordo com De Paula (2015, p. 59), o “Corpo-Terra”, esse corpo “sensível”, “afetado pelo encontro originário”. Corpo que habita um chão primevo, no qual se dá o desvelar do mundo que se é. Mundo geográfico irrompido do embate terra-mundo, embate que alberga a geograficidade, conforme mostrou Dal Gallo (2015), em trabalho que pensou as origens da geograficidade a partir da perspectiva heideggeriana acerca da origem da obra de arte: origem como desvelamento do ser do ente no acontecer da verdade, isto é, a verdade enquanto acontecimento circunstancial e não como algo pré-estabelecido.

Nesse sentido, o mundo geográfico é constituído no embate que cada homem estabelece ao habitar a Terra, embate que é um acontecer originário que desvela o caráter geográfico da existência: a geograficidade. Heidegger (2014, p. 47) afirma que “O mundo funda-se na terra e a terra irrompe pelo mundo”. Irromper, verbo atraente! Pode, esse fundar o mundo, ser também um irromper geográfico, um mundo geográfico emergido desse acontecer? Pode a geosofia dizer algo desse irromper? Parece razoável supor

que sim, pois se a fundação da geograficidade acontece no embate terra-mundo, isso quer dizer que esse acontecer **destina** o homem a poder pensar um mundo vivido geograficamente, porque implica que no homem resida, enquanto **condição terrestre**, a possibilidade de um **pensar telúrico**, um pensar cujo fundamento advém da geograficidade. Dito de outro modo, pensar a Geografia pela fenomenologia, esclarece Dal Gallo (2015, p. 5) “é reconhecer a Geografia como ciência existencial cuja discussão epistemológica necessita de um embasamento ontológico que não está restrito à própria ciência”. E por que não está restrito à própria ciência? Porque conhecimento geográfico que reside no caráter primitivo da geograficidade. “O homem todo é uma ontologia”, afirma Lévinas (1997).

Mas a sensação é a de que tal apelo, por um pensar telúrico, ainda não seja atendido em sua plenitude, talvez ele seja sentido mais nas entranhas e exista apenas quando há o movimento de um pensar que vai ao seu encontro. É necessário, portanto, cultivar tal apelo. Quanto à questão sobre o que alimenta o desejo de uma Geografia existenciária – uma Geografia que convoca o homem a pensar sua própria existência –, formulada no começo deste passo, eis uma resposta: aterrar o pensamento, afundar os pés numa lama profunda, para daí brotar como algo novo. Desse acontecer originário, Dardel (2011, p. 45) escreve: “fulguração do ser” e aqui se pensa: **parto geográfico**. É nesse sentido que a busca pelo pré-teórico é a busca pelo caráter primitivo do ato de viajar: viajar enquanto ato de criar geosofias, considerando a geosofia enquanto conhecimento geográfico primitivo, pois fundado na geograficidade, ligação imediata homem-terra. Desse modo, parir geograficamente é trazer à luz origens geográficas: origens que sustentam um modo geográfico de ser-e-estar-no-mundo.

Que pode ser um parto geográfico a partir dos pés afundados na lama?

7. A lama do mangue, barro encharcado de morte e vida. O rio ali morre? Ele encontra o mar. O guaiamum ali vive? Ele encontra a mão faminta. O homem ali habita? Pisar na lama exige um cuidado diferente do habitual, que é o de andar por terras mais firmes. Mas tal hábito parte de um apartamento cujo concreto espalha-se janela afora, hábito cujas referências pertencem a um cidadão cuja lama nos pés não faz parte de suas andanças mais cotidianas. Por sua vez, no livro “Homens e Caranguejos”, Josué de Castro (2003) desvela uma outra perspectiva, conta outros mundos, brotados de outros embates que os homens precisam enfrentar para habitarem. Entre os homens e os caranguejos habitantes do bairro dos Afogados, situado às margens da cidade do Recife – bairro localizado nas bordas do perímetro urbano, moradores esquecidos na vida social da cidade – o menino João Paulo, ao abrir seus olhos para o “espetáculo do mundo”, descobre sua própria situação: meio homem meio bicho, não apenas alimentado pelo caldo do caranguejo, mas ele todo imerso no ciclo do caranguejo: no seu andar, na crosta de lama e maresia que traz na pele, no mocambo fincado no mangue e no qual entrega-se ao sono todas as noites, no leite de lama que bebe e que o faz “irmão de leite dos caranguejos” conforme descreve Castro (2003, p. 3). João Paulo tem narrada sua história a partir de seu habitar, história que o mostra um homem-caranguejo, que descobre a lama olhando tanto para ela quanto para a cidade que, distante, aparece a ele. João Paulo nasceu no sertão, mas, criado no mangue, impregnou-se do barro doce e salgado que as marés alimentam, da lama cuja viscosidade adentrou sua pele e circulou por suas profundezas. Mangue no qual cata caranguejos com satisfação e ouve encantado as histórias do pai, mas mangue que também denuncia certa precariedade de seu habitar.

Para mim, o mangue aparece noutro sentido. À época, habitante de cidade do interior e no ensino médio (colegial), viajei num final de semana para o litoral sul de São Paulo, mais precisamente para a última ilha antes do

estado do Paraná, a Ilha do Cardoso. Fazíamos parte de um grupo de educação ambiental ainda em formação e muitas pessoas eu mal conhecia até então. Na madrugada de sexta para sábado saímos de Jaú, centro-oeste paulista, rumo a Cananeia, para na manhã de sábado pegarmos um barco para o **Cardoso** – como se diz por lá. Tenho para mim que essa viagem foi fundante para o que sou hoje, embora isso não deva ser pensado a partir de uma causalidade, isto é, não sou assim porque ir para o Cardoso me fez exatamente isso ou aquilo. Foi uma experiência marcante e que ainda permanece mais inexprimível que o contrário. Porque de um sentido mais profundo, porque um fundar cuja intensidade é sentida nas vísceras, porque sensações muitas vezes esquecidas pelo pensar no qual um racionalismo prevalece. Esquecimento que distancia o homem de seu próprio habitar: ele esquece, mantém-se distante do solo originário, solo no qual acontece o desvelamento do mundo que é. Impregnada de uma noção capitalista de progresso, a narrativa hegemônica contemporânea parece cada vez mais distante de pensar outras possibilidades de compreender a noção de progresso. Desse modo, em nome de relações econômicas que buscam, acima de tudo, o lucrar e o acumular, uma reflexão sobre a geograficidade parece destinada à margem, pois conhecimento inútil a tal lógica. Entretanto, é razoável considerar que possibilidades de resistência a essa lógica estejam situadas às margens desse próprio pensar, o que dá à geograficidade uma potencial relevância, possibilitando à Geografia enfrentar tal desafio.

De volta à Ilha do Cardoso. Ilha, para mim, pertencente às “Ilhas Afortunadas”, descritas no livro “As Ilhas”, de Jean Grenier (2009). Nesse sentido, ilhas afortunadas enquanto experiências que nos liberam de nós mesmos e que permitem reconhecerno-nos o mundo que somos. Verdadeiros encontros com o pulsar da realidade geográfica. Demorei para conseguir fazer reflexões mais apuradas acerca da viagem para o Cardoso. Não que tivesse tentado antes escrever sobre, não me lembro pelo menos, mas por não ter

sentido necessidade. Sim, num determinado momento senti necessidade de escrever sobre essa experiência e assim o fiz. Mais de quinze anos da viagem haviam se passado, mas senti que escrever sobre a experiência de tal viagem fez brotar algo que até então não havia sido manifestado, um sentido mais profundo dessa experiência marcante. Demorar-se cuidadosamente sobre a viagem fez nascer algo em mim e talvez este trabalho esteja intimamente atado a esse nascimento. A escolha pela Geografia? O gosto por fazer trilhas, por acampar, por viajar para regiões mais desertas de pessoas ou de elementos urbanos? O interesse pela cultura caiçara e pela Mata Atlântica? Nada da viagem determinou que essas coisas acontecessem, o que parece mais razoável é pensar que talvez as experiências dessa viagem me deram certo **senso de orientação** e, desse modo, tornaram possíveis que tais eventos tivessem lugar em minha existência. A orientação, nesse caso, não como determinação de um modo de ser-e-estar-no-mundo, mas enquanto possibilidade de mundos irromperem: a orientação enquanto abertura originária na qual a geografia participa como senso de direções primitivas.

Na viagem para o Cardoso um encontro aconteceu de modo muito mais intenso que todos os outros: caminhar no mangue. O esforço de narrar tal experiência faz com que tanto o andar no mangue, como o demorar-se sobre a experiência a fim de pensar sentidos nela despertados, constituem-se, para mim, verdadeiros partos geográficos. Embarrear-me de mangue, afundar e levantar os pés na lama, ver o guia Seo Romeu enfiar o braço na lama e de lá tirar um caranguejo, nadar na água salobra dourada e refrescante, desde quando ocorreram, sempre as tive como marcantes; na experiência de demorar-se cuidadosamente e pensar a experiência de **ter estado no mangue com o Corpo-Terra**, me senti escrevendo coisas que saíam de minhas entranhas, libertando sentimentos que ocupavam meu corpo em forma de palavras. Pensar o mangue adensou o sentido de geosofia que propus para o exame de qualificação, sentido esse que, nesta dissertação, trago de modo

mais **apurado**. Parece mesmo que a geografia pede, ao homem, um cuidado: ela apela para ser apurada em seu corpo – tal qual se espera que um molho apure – para nesse corpo brotar como geografia poética: geografia feita de sentimentos de mundo.

Andar no mangue me aproximou da **geograficidade**, afundei na lama e deparei-me com minha própria condição terrestre. Pensar o mangue me aproximou da **geosofia**, narrei a ligação originária que experienciei no mangue e encontrei um mundo renovado.

Mas o **como** o mangue aparece para mim é distinto do **como** aparece a João Paulo. Essa distinção não se dá apenas porque os mangues estão localizados em locais diferentes ou pelo fato de eu e João Paulo não sermos a mesma pessoa. Há uma distinção mais profunda, é o que este trabalho considera, albergada justamente na geograficidade. O mangue, para João Paulo, é sua realidade geográfica mais imediata, é o mangue para ele sua **casa**. O mangue, para mim, é uma realidade não imediata, para ir até ele eu preciso viajar, no mangue sou **estrangeiro**. É necessário pensar casa e estrangeiro enquanto essências, cujos sentidos apenas emergem a partir de uma dada circunstancialidade. É para a cidade que João Paulo olha em direção ao que lhe é desconhecido; vindo da cidade, foi enquanto desconhecido que encarei o mangue. No Cardoso, não me senti um homem-caranguejo, embora certa sensação de mistura no mangue tenha experienciado. Até então estranho para mim – não exatamente o mangue, pois já havia lido a respeito, visto fotos e mapas, mas sobretudo o andar sobre ele – pisar no mangue emergiu como experiência íntima, intimidade emergida da aproximação com a própria condição terrestre. Misturei-me à paisagem e então vínculos profundos com minha própria condição terrestre foram trazidos à luz. Não é no mangue que durmo, não é ele que como, não é nele que sobrevivo. No entanto, parece que narrar a caminhada no mangue faz parte da minha sobrevivência. Narrando o mangue no qual um dia afundei os pés em direção a mim mesmo, conto-me

para sobreviver: sinto a necessidade de cultivar e de narrar tal experiência, não enquanto um ato banal, mas essencial. João Paulo não conseguiu escapar do mangue, lutou para dali sair, mas ali mesmo morreu, perfurado por balas que visaram reprimir a revolta dos homens-caranguejos. No entanto, sua história trágica não restou esquecida e, narrada por Josué de Castro, alimentou as mentes e os corações de homens que vieram a criar, por exemplo, o Manifesto *Manguebeat*⁷, um manifesto no qual mangueboys e manguegirls registram o desejo de uma arte emergida da lama e reafirmam a busca por uma outra cidade, na qual os homens-caranguejos dão um outro sentido ao mangue do qual irrompem.

⁷ No passo 29 (p. 96) é possível ler um pouco mais sobre tal manifesto.

8. Do título desta dissertação: *Por* alude ao próprio caminho que este pensamento se pôs a realizar, a fim de pensar a natureza do conhecimento geográfico a partir de um sentido geográfico do viajar. Tal busca tem exigido que eu me coloque a pensar acerca de viagens que já realizei, além de me levar a reconhecer minha mais íntima geografia. Isso não quer dizer, de modo algum, que minha vida tenha algo especial que mereça tal atenção, mas que, permito-me supor, seja a tarefa de pensar a geograficidade que leva o pesquisador a considerar o próprio modo como habita, a pensar o mundo que é. É nesse sentido que, no caso deste trabalho, pensar o conhecimento geográfico emergido da geograficidade apela a tal meditação por parte deste pesquisador. O que tento trazer é esse caminhar que, enquanto é realizado, encontra histórias que convidam a serem ouvidas e que levam a um pensar meditativo sobre seus elementos mais originários, histórias que nutrem a tessitura deste trabalho. Não quero olhar de fora para o fenômeno, implicado que estou no tema investigado. Tal esforço se deve à busca por uma Geografia orientada pela fenomenologia, um esforço sentido como embate entre as heranças de uma formação marcada pelo positivismo e pelo materialismo histórico, e o desejo de percorrer outros caminhos de pensamento.

Esforço que exige desviar de percursos já conhecidos, desvios que levam a verdadeiros *abismos*: experiências originárias e, às vezes, vertiginosas. Abismo cujo vazio nada tem do das formas geométricas, porque um vazio geográfico: constituído das densidades e das tonalidades da realidade geográfica, preenchido de espaços vividos. Abismo que resguarda uma atração telúrica, que leva o homem a reconhecer-se enquanto habitante terrestre: “É um apelo que vem do solo”, de acordo com Dardel (2011, p. 2). Apelo que faz florescer a imaginação dos encantos e dos mistérios acerca da possibilidade de experienciar tal abismo. Heidegger (2013, p. 17) pensa: “O ser-aí porta o a-bismo”. A partir disso, pode-se ponderar: o ser-aí (*Dasein*)

porta sempre a possibilidade de estar diante de uma abertura. Nesse sentido, experienciar o abismo enquanto aproximar-se da ligação geográfica originária, aproximação que permite, ao homem, pensar sua própria condição terrestre.

Que mais é possível pensar acerca dessa experiência de abismar? Ter uma vertigem geográfica: experiência que desnorteia, embora não deixe sem chão o homem, pelo contrário, na vertigem geográfica, ao que parece, não é que referências primitivas são ignoradas, mas intensificadas. Elas adensam, nesse sentido, os vínculos geográficos estabelecidos ao longo da existência. Adensamento sentido pelo homem que, diante do abismo, talvez espantado ou maravilhado, põe-se a pensar geograficamente, isto é, pensa a partir dos espaços geográficos que compõem o mundo que é. Ele pensa, por exemplo, nas casas: em lugares que o acolhem e que mostram, a ele, de onde ele vem, quem ele é. Entre a abertura do abismo e a familiaridade da casa, uma tensão geográfica se dá. Tensão sem escalas definidas. Às vezes, um ombro amigo carrega um sentido de casa, afirma Besse (2015a).

Para viajar, é preciso sair da casa em que se habita e, num ato existencial, encontrar outras moradas. Outras casas? Casas de outros? Viajar parece que é, nesse sentido, percorrer mundos: estar ora aqui ora lá, ora próximo ora distante, ora diante de algo conhecido ora diante de algo estranho. O mundo, enquanto totalidade não fechada, mas sempre em direção ao aberto, alberga a tensão da relação base-horizonte, relação na qual a geograficidade participa enquanto ligação vivida, ligação que é assim uma vinculação de bases e horizontes vividos e esquecidos. Percorrer mundos, nesse sentido, implica dar densidade e intensidade a tais vínculos. Pôr-se a caminho, percorrer mundos, em direção ao próprio habitar?

Do caráter primitivo da geografia brota a geosofia. Pensar o encontro homem-terra é, para John K. Wright, pensar geograficamente: “geography [...] something made manifest by the act of thinking geographically”⁸, conforme afirma Keighren (2005, p. 550). Pensar geograficamente implica partir da intersubjetividade, da consideração que nada há para ser dito olhando apenas para o homem ou apenas para a Terra, pois o que interessa é o ato do encontro entre ambos, ato que os une de modo essencial. E se a ontologia é possível via fenomenologia, conforme Heidegger (2012) apontara, é a partir da fenomenologia que, geograficamente, a ligação homem-terra é pensada neste trabalho: história de uma geografia vívida. Mas, que pode ser compreendido a partir da palavra história? Segundo Heidegger (2009b, p. 10): “o acontecimento próprio do ser-aí”. Historicidade advinda da condição terrestre, história dos acontecimentos originários estabelecidos no embate terra-mundo, história das “diferentes intenções sob as quais aparece ao homem a fisionomia da Terra” conforme Dardel (2011, p. 47) pensara e que aqui já se mostrou. História cuja compreensão é necessária para se pensar um anti-esquecimento do ser. O que ressoa, desde a leitura de Michel Serres, sobre o contar-se para nascer, parece ser uma vontade de apropriar-se da narrativa do mundo que sou, de buscar uma narrativa, nesse sentido, apropriada. Narrativa que coloca o homem no centro de seu próprio mundo, ao narrar sentimentos até então albergados nas vísceras, narrativa necessária para se conseguir dizer o mundo vivido a partir de uma linguagem desvelada pelo Corpo-Terra. Besse (2011, p. 120) afirma que essa “história [...] nos concerne pessoalmente, nos revela nosso presente [...] nossa tarefa, a nossa responsabilidade diante de nossa existência”. História portadora de um conhecimento geográfico que emerge da geograficidade.

⁸ Tradução livre: “geografia [...] qualquer coisa manifestada pelo ato de pensar geograficamente”.

A geosofia como conhecimento geográfico que emerge da geograficidade, sendo que colocar-se a pensar na geosofia pode ser considerado um ato poético, pois ato que desvela vínculos geográficos esquecidos. Geosofia, narrativa contada a partir da geograficidade, por isso uma narrativa fenomenológica, porque história da geografia feita em ato.

9. A **triade** geograficidade-viajar-geosofia alude a três partes do mangue vermelho (*rhizophora mangle*): **raízes: “Pensar origens”**; **caule: “Vertigem geográfica, poética da geosofia”**; **folhas-flores: “Terras desmedidas, caminhos incógnitos”**. Não um mangue estático, mas em movimento, como se estivesse a dar passos em direção a si mesmo. Isso se deve ao caráter de irrupção da narrativa aqui produzida: da lama, fazer irromper geografias primitivas e vívidas. O texto que abre e o texto que encerra a dissertação aparecem como se fossem focos de energia a alimentarem a vitalidade da tessitura do trabalho, tal qual o sol e as marés alimentam o vigor de um manguezal. Desse modo, espera-se dar a esta narrativa um caráter existencial próprio da Geografia orientada pela fenomenologia. Escrevera Dal Gallo (2015, p. 86) que “O questionamento do geógrafo é o questionamento feito pelo primeiro homem, pelo primeiro pensador tocado pelo apelo da Terra”, enquanto pensava acerca do caráter existencial da Geografia: “A experiência geográfica colocada como experiência do existir revela o caráter existencial da ciência geográfica”, evidenciando aquilo que “alguns geógrafos humanistas chamaram atenção: o caráter geográfico da existência”. No próximo grande movimento deste trabalho, intitulado “Vertigem geográfica: poética da geosofia”, a busca é por cultivar um possível sentido para uma experiência geográfica: a experiência de vertigem geográfica. Tal termo fora usado por Dardel (2011, p. 44, **grifos do autor**) para pensar a experiência do “homem, diante da ‘revelação’ de certas paisagens terrestres, se sente esmagado pelo excesso, pela superabundância”, experiências marcantes, verdadeiros “espetáculos que, em situações afetivas determinadas, provocam uma **atração** irresistível, uma vertigem, um pedido para morrer”. Para pensar a vertigem geográfica, Eric Dardel remeteu às já aqui mencionadas “Ilhas Afortunadas” de Jean Grenier e, neste trabalho, será pensada a vertigem geográfica a partir de ambos autores. Entre viagens e conceitos, por mangues, cidades e matas, espera-se encontrar um conhecimento geográfico pré-teórico, brotado de um solo originário, concordando com o pensamento heideggeriano, esclarecido

por Seibt (2012, p. 84): “O solo a ser reconquistado é a própria vida, o mundo-vital”. A busca é por tal caráter vital do conhecimento geográfico que, nesse sentido, acompanha o pulsar da existência e alberga a tensão entre o inspirar e o expirar de uma respiração. Por sua vez, o último grande movimento, intitulado “Terras desmedidas, estradas incógnitas”, brota da própria experiência de vertigem geográfica, que aproxima o homem de ver a Terra não desnaturada, isto é, sem medidas apriorísticas. Ver a Terra sem medidas, desse modo, implica pensar: após a vertigem geográfica é preciso estabelecer uma medida própria, apropriada, é preciso pensar junto ao coração, tal qual Heidegger (2006, p. 180) sugeriu: “‘Junto ao coração’ significa o que advém como apelo da medida junto ao coração de tal maneira que o coração se volte para essa medida”. Não será um movimento de encerrar o pensamento deste trabalho, embora certamente fechará o presente texto, mas o que se espera é que tal movimento possa reconhecer o caminho aqui percorrido e vislumbrar caminhos possíveis de serem ainda realizados. Parece que a ontologia geográfica de Eric Dardel implica considerar essa tensão entre o que já foi e o que está para vir-a-ser, entre o estar em casa e o sair de casa. As palavras de Lévinas (1997, p. 22) reverberam tal afirmação: “A ontologia não se realiza no triunfo do homem sobre a sua condição, mas na própria tensão em que esta condição se assume”.

VERTIGEM GEOGRÁFICA, POÉTICA DA GEOSOFIA

do emaranhado de raízes emersas e subterrâneas, um caule, contendo pequenas aberturas pelas quais respira o mangue, emerge em direção ao sol. Do caminho aberto e sustentado pelas origens desveladas, irrompem pequenas vertigens, experiências marcantes que aterram o pensar que, ao mesmo tempo, volta-se ao céu.

10. A caminhada se deu no mangue. O dia estava em seu início de tarde, naquela hora que antecede a sensação de que o almoço fora digerido. Era sábado, de céu azulado e de nuvens poucas e esparsas, final de semana ensolarado e quente, em que a brisa oceânica e as águas – doces, salobras, salgadas – combinavam elementos de tal forma que faziam pairar uma atmosfera interessantíssima. Sob o céu azul e a amarela luz que o sol na primavera oferece, o mangue encontrava-se mais úmido que seco, um mangue feito de matéria escura e pastosa, tão densa que exigia dos pés, depois de afundarem, certa força para retornarem à superfície. Senti ali, pés na lama e vísceras sutilmente em efervescência, uma experiência marcante da existência. As paisagens percorridas nessa viagem me levaram, sem saber muito bem o como e o porquê, a um experimentar íntimo e intenso. Senti uma invasão em mim: eu não apenas via as coisas que estavam a minha volta, eu também era aquela paisagem de lama e calor. No mangue, todo meu corpo teve sua extensão ampliada e aprofundada, preenchendo todo o meu pensar. Mistura existenciária, invasão de mundo que permanece como horizonte do meu habitar, horizonte telúrico emergido de uma lama originária. A sensação que fica é a de ter havido, ali, no mangue, uma expansão da existência. Expansão vertiginosa: **parto geográfico.**

“Portanto, pode-se **viajar** não para evadir-se, algo impossível, mas **para se encontrar**

[...]

Esquece-se as jornadas enjoativas da viagem marítima e as insônias do trem **quando se chegou a se reconhecer**

[...]

É bem verdade, portanto, que nessas imensas solidões em que um homem deve atravessar do nascimento à morte, existem alguns lugares, alguns **momentos privilegiados** em que

a visão de uma região age sobre nós”. (GRENIER, 2009, página 110-111, **grifos nossos**)

11. **Vertigem**: rebentação de mundos. Despadronização das escalas, desgeometrização da Terra, arrebatamento abissal em direção ao caráter geográfico da existência: aproximação junto à geograficidade. Por isso, vertigem **geográfica**: sentida pelo Corpo-Terra misturado ao seu próprio aí (*Da*), corpo que acolhe a irrupção vital da mistura. Vertigem geográfica, **poética** de medidas geográficas originárias: um senso de orientação que mede, poeticamente, o mundo, que designa direções primitivas, a partir da ligação homem-terra. Ao caráter inexaurível do espaço entre o Céu e a Terra, conforme o aforismo de Lao-Tzu identificou, o homem é chamado a reagir, a responder às exigências da circunstância na qual se encontra. Nesse responder, manifesta uma historicidade fundamental, sua geografia essencial: os vínculos que tem com os espaços geográficos. A vertigem geográfica, momento privilegiado da existência, mexe profundamente com os vínculos geográficos que permaneciam até então, dando-lhes intensidade e tonalidade fundamentais, fazendo brotar mundos novos: histórias originárias. Vertigem geográfica, poética **da geosofia**.

12. Em plena mata fechada, uma onça. Eu sozinho. Quer dizer, com a onça. Que fazer numa hora dessas? Paralisado, rastreio o que há em volta, pensando nas possibilidades de ação, sem tirar os olhos dela. Parece que os outros sentidos estão aflorados e perscrutam toda a atmosfera desse instante, estimulados por um coração cujas batidas podem ser sentidas nas unhas e nos pelos, dos pés à cabeça. Sem tirar os olhos dela, sinto um ar quente nas narinas, um respirar profundo a buscar seu eixo. As pernas, trêmulas, buscam nos pés a força para sustentarem o corpo e um frio na barriga chega também aos ossos. Agora, tudo ao redor aparece gelado, num frio letal. Sinto vontade de correr, mas também de ficar, não é sempre que se pode estar diante de uma onça. Pareço cada vez mais fincar os pés no chão, talvez a procurar um abrigo, talvez a buscar saídas. Uma sensação de vitalidade percorre todo meu ser, certa mistura de vida e de morte, de coragem e de medo, intensidade que dá uma tonalidade vívida a esse encontro. Encontro ou confronto? Num galho forte, em cima da árvore e ainda a uma certa distância, ela espreita e assunta quem é aquele que se aproxima. Já terá ela percebido minha presença bem antes? Mas porquê então permitiu que eu a visse? Toda pintada, parece também aguardar o próximo passo. A sensação é a de que se pensa em tudo, da infância aos derradeiros instantes que antecederam esse encontro, se vai longe, numa confusão de imagens e lembranças, para depois voltar a si e sentir, novamente, o corpo todo paralisado. Em ebulição por dentro, tentando manter uma falsa quietude por fora. Sempre ouvi dizer que os animais farejam medos, mas como conter tudo que se sente numa hora dessas? Percebo que ela levantou, suavemente, um pouco mais a cabeça. Busco as canelas para ficar em pé. Que fazer agora, diante desse abismo brutal? Isso nunca me aconteceu, mas muitas vezes imagino um encontro como esse.

Quando sei que há a possibilidade, embora remota, de ver uma onça, como por exemplo na Ilha do Cardoso, pensar tal encontro me afeta, parece fazer ressoar um encanto, algo como um desejar que aparece distante, certa névoa misteriosa e atraente. Nas estradas margeadas por matas densas, gosto de olhar pela janela e imaginar onde poderia estar a onça. Mas, da estrada, do alto, de longe, as grandes matas parecem impenetráveis, ressoam silenciosas e plenas em mistérios. Despertam, mas também restringem a imaginação: não se vê seus caminhos. Imaginar encontrar uma onça em plena mata atrai e assusta, ao mesmo tempo quero e não quero. É possível sentir no corpo tal imaginação e procurei descrever um possível encontro a partir desse sentir. Na verdade, nunca havia me demorado em descrever um encontro com a onça, sempre fora algo distante de um pensar mais apurado, algo que até então trazia de modo silencioso, quando em viagens para praias e matas menos povoadas, ou então em outras unidades de conservação, sinto a presença desse encanto. Também há as histórias que já ouvi, lembro-me de duas, pelo menos, a respeito de pessoas que encontraram uma onça: um saiu correndo e não lembra como voltou para casa, tremeu feito vara verde, logo ele, mateiro que era o matador de onça da região. Acontece que, nesse dia, não estava a caçar onças, andava ele tranquilamente a voltar para casa: foi o susto de um encontro inesperado e não planejado. Da outra história lembro pouco, sei que se agachou no pé de uma árvore esperando a onça passar, ficou-se escondido, mas o desfecho não me lembro mais, a não ser que sobreviveu para contar o caso.

Pensar e escrever sobre a onça parece ter aberto a possibilidade de cultivar tal imaginação, de cuidar para que dela brotem imagens poéticas, imagens que revelam a condição terrestre porque criação fundada na geograficidade; não um resultado que mostra tal ligação, mas um acontecimento que revela uma apropriação dessa ligação, no sentido de estabelecer um sentido próprio para ela. Cultivar e narrar um conhecimento

geográfico albergado na realidade geográfica, eis uma face do sentido de geosofia aqui pensado.

Mas, como uma breve narrativa, de um imaginado encontro com uma onça, pode ser uma imagem poética? Uma imagem poética, pois irrompida de algo que, encoberto, já se encontrava na minha ligação com a Terra, algo que, de algum modo, já despertava interesse em mim. Heidegger (2006, p. 177) afirma que tais imagens são “imaginações e não meras fantasias ou ilusões”. Pois imagens fundadas nas relações estabelecidas no habitar, dirigidas ao jogo de luz e sombra, de Céu e Terra, imagens que “deixam ver alguma coisa”, mas cuja medida é “cheia de mistério”, conforme complementa Heidegger (2006, p. 177). Há certo esforço para se conseguir narrar um encontro originário, é possível sentir que se está mesmo num embate, cujo desafio é pôr para fora palavras e imagens oriundas da geograficidade, **desafio de nomear poeticamente uma irrupção fundamental do mundo**. O que se pretende com isso, dizer que escrever o encontro com a onça originou uma imagem poética? Não se trata, aqui, cabe ressaltar, de exaltar qualquer pretensa qualidade excepcional ou algum dom especial para a poesia. Não há nada disso. O que se reivindica, antes de tudo, é a possibilidade de todo homem, pois condição terrestre, se colocar a pensar e a dizer geograficamente o mundo que é, isto é, de tecer uma narrativa emergida da geograficidade. Neste trabalho, **reivindica-se que tal pensar seja uma necessidade**, no sentido de trazer à luz aquilo que fora ocultado, isto é, o ser. Desse modo, a geosofia emerge como conhecimento ligado à existência, no sentido que Lévinas (1997, p. 24) compreendera o verbo conhecer: “o caráter transitivo do verbo conhecer fica ligado ao verbo existir”. Compreensão enquanto fundamento da existência: pensar cuidadosamente o mundo que se é e conseguir existir a partir desse conhecimento.

Mas não é que para todo homem uma onça estabeleça tal experienciar. No meu caso, escolhi a onça porque se refere a algo que já se encontrava em meus pensamentos. Cada um, portanto, nesse sentido, pode perscrutar sua própria onça. Narrar tal encontro fez irromper um calor telúrico que preencheu todo o pensar, fazendo com que palavras, até então encobertas e esquecidas, fossem trazidas à luz. Cultivar a imagem de um encontro originário enquanto acolher uma irrupção fundamental e alimentá-la com o calor da imaginação, permitindo-se escrever palavras emergidas da geograficidade, assim pode ser melhor enunciada a necessidade da geosofia. Nesse embate entre luz e sombra, calor e frio, lembrança e esquecimento, eis que surge a imagem de uma fogueira: diante dela, embriagados de estrelas, orvalhos e vinho, admirados pelas cores e curvas do fogo que queima e sobe para o escuro do céu, olha-se para o sombrio da noite, fica-se a espreitar os mistérios do mundo. Longe da cidade, num inverno gelado, mas azul, a fogueira arde e exala todo seu vigor, parece aquecer toda a existência, cria uma atmosfera de frio e calor e traz um encanto, um fascínio no qual o homem, misturado ao fogo e ao frio, pensa seus medos e suas coragens, suas casas e suas terras desconhecidas. Diante da fogueira, ele sente, à flor da pele, a efervescência e a frieza do mundo que é.

13. Acampar, ficar numa pousada ou alugar uma casa?

Visitar museus e monumentos, andar por bairros afastados do circuito turístico da cidade, conversar com pessoas do local. Pedalar estradas de asfalto e de terra e chegar em lugares remotos, caminhar pelo bairro onde se mora em busca de surpresas, voar e cruzar oceanos em questão de poucas horas. Passar o fim de semana na montanha ou na praia, ir ao shopping da cidade vizinha para uma sessão de cinema, almoçar, no domingo, no restaurante à beira da estrada de comida caipira. A trabalho, ir e voltar no mesmo dia. Sem compromisso, ir sem saber muito bem quando será a volta. Viagens diversas. Para quê viajamos? Que da viagem pertence a nós mesmos, isto é, correspondem àquilo que somos ou pensamos ser?

No livro “Cidades Invisíveis”, Italo Calvino (1990) imagina um diálogo entre Marco Polo e Kublai Kahn que, entre outras coisas, versa sobre o ato de viajar. Num determinado momento da conversa o imperador mongol pergunta a Marco Polo o porquê de ele viajar tanto, pois, sempre quando retorna de uma viagem, o que Marco Polo tem a dizer, segundo Calvino (1990, p. 27), “são os pensamentos que ocorrem a quem toma a brisa noturna na porta de casa”. Kublai Kahn alega que, ao contrário dos outros viajantes, o que Marco Polo narra não diz respeito à localização de minas de pedras preciosas e outras riquezas ou ainda acerca de conjurações, mas, ao que parece, conta histórias como se não tivesse saído da própria casa. Marco Polo, sobre tal perguntar, responde, conta Calvino (1990, p. 28), que “quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado”, explicitando um caráter existencial do viajar, a possibilidade de uma viagem colocar o homem diante de si mesmo a fim de lhe revelar sua própria condição de ser-no-mundo. Ainda querendo saber acerca de tal atitude, o imperador pergunta ao viajante veneziano se sua viagem se dava apenas no passado, isto é, se ele viajava

“com a cabeça voltada para trás?”. Calvino (1990, p. 28) então escreve a resposta, que “era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem”, pois “o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto”. Para onde volta tal viajante, isto é, que pode ser esse passado mais remoto? De acordo com Calvino (1990, p. 29), é o próprio veneziano quem indica uma resposta possível à pergunta aqui feita: “Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá”. Perdendo-se por caminhos desconhecidos, experienciando a condição de **estrangeiro** pois deparando-se com um espelho que lhe mostra o seu próprio reverso, ao viajante enunciado por Marco Polo permanece em aberto a possibilidade de realizar uma jornada e assim compreender sua situação de ser-no-mundo. O estranhamento lhe coloca a um pensar que seria um voltar-se a si a partir das paisagens insólitas que percorre e que lhe desperta tal sensação.

Cesar (2014) pensara o sentido de jornada enquanto ato em direção a si mesmo e aqui se pensa: em direção à condição terrestre. É Onfray (2015, p. 21, **grifos nossos**) quem permite que se considere tal sentido: “Existe sempre **uma geografia que corresponde a um temperamento**”. Tal correspondência, no entanto, não se encontra *a priori* determinada, como se fosse algo possível de saber antes de a viagem acontecer, mas é próprio ato de pôr-se a caminho que abre a possibilidade de que tal realização ocorra. Mas, tendo em vista o papel do sistema turístico no viajar contemporâneo, em que medida tal possibilidade resta alcançável? Se quero visitar o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, por exemplo, está excluída uma experiência de viagem enquanto jornada? Isso por tratar-se de um destino turístico consideravelmente preparado e planejado para receber um grande número de pessoas, uma paisagem na qual é provável que se percorra em companhia de muitas outras pessoas ao mesmo tempo. Será que tal paisagem está

condenada a manter-se cada vez mais distante de oferecer uma vertigem geográfica, por exemplo? É possível escapar da teia que o sistema turístico parece jogar sob algumas paisagens, ou melhor, sob um número cada vez maior de paisagens? Por outro lado, se quero acampar numa região mais deserta de pessoas, cidades e meios de comunicação, inevitavelmente experienciarei o viajar num sentido mais próximo de jornada? Já ouvi algumas vezes a expressão “camping selvagem” em alusão ao desejo de realizar uma viagem na qual seja possível permanecer o mais isolado possível de informações e notícias, a fim de viver um certo período de tempo sob outra atmosfera, outra realidade geográfica. É possível que, mesmo assim, não se consiga um experienciar mais íntimo e visceral para com os elementos terrestres? Marandola Jr (2014b, p. 56-57) ao pensar que “Há muitas motivações para viajar. Há, também, muitas formas de fazê-lo”, afirma que o sistema turístico “padronizou em grande medida ambas” e “racionaliza em excesso uma ação que era marcada pelo imprevisto e pelas incertezas”. Como encontrar geografias correspondentes, conforme Onfray (2015) pensara, num contexto no qual o sistema turístico parece avançar cada vez mais sobre os mais variados pontos da superfície terrestre? Em que medida é possível sentir-se estrangeiro, se pelos quatro cantos do planeta espalham-se redes de hotéis, bares, restaurantes cujos estilos conservam certa homogeneidade e padronização?

Onfray (2015, p. 21), explorando o sentido para tais geografias correspondentes, escreveu: “Cada corpo busca reencontrar o elemento no qual se sente mais à vontade e que foi, outrora, nas horas placentárias ou primeiras, o provedor de sensações e de prazeres confusos, mas memoráveis”. A **jornada**, nesse sentido, parece que não reside apenas no destino escolhido, nem no homem que se põe a caminho, mas sim no como ele **põe-se a caminhar e medita sobre o caminho realizado**. Meditação no sentido que Heidegger (2000) dera conforme já se mostrou no texto que abre esta

dissertação, meditação sobre o ato de viajar e que, para este trabalho, emerge enquanto necessidade de ser cultivada e narrada. O passado mais remoto do viajante desvelado por Marco Polo parece ser dirigido às horas placentárias ou primeiras que pensa Michel Onfray. A viagem em busca de uma geografia correspondente ao temperamento, nesse sentido, parece requisitar que se resista à compreensão do modo de viajar enquanto ato banal ou então como ato de consumir determinados produtos e paisagens. Desse modo, parece o viajante dirigir-se em direção a meditar suas próprias origens, isto é, escavar em direção às raízes que sustentam o mundo que ele é.

14. Oferecer resistência enquanto tentar desmedir mundos, trazer para mais próximo o caráter de possibilidade e de abertura da palavra mundo. Confrontar-se com padrões estabelecidos, recusar-se a esquecer o pulsar da realidade geográfica. Procura-se o que em tal resistir? O que está em jogo nesse recusar? Em busca da liberdade e do deixar-se encantar pelas coisas do mundo, **em direção ao selvagem**, segue o viajante. “O que há de mais vivo é o que há de mais selvagem”, escreveu Thoreau (2012, p. 102), ao defender o caminhar como um modo de resistir às imposições sociais de um mundo cada vez mais organizado para o consumo. Ele escrevera isso em meados do século XIX, quando os processos de industrialização e urbanização já indicavam os rumos do que viria depois. Não qualquer caminhar, mas um caminhar em direção ao selvagem, alimentado pela busca daquilo que exala a abertura do mundo. Mas o sentido de selvagem não deve ser compreendido como um desejo de voltar ao tempo das cavernas, por exemplo, não se quer com isso impedir que novas técnicas e tecnologias sejam produzidas, mas sim ressaltar que não se deve esquecer do sentido das coisas, que não se deve ignorar o solo originário da existência em prol de um modo de habitar distante de tal solo. O mistério do selvagem, nesse sentido, ressoa como encanto de uma Terra desmedida, vigorosa, não desnaturada. Aqui, o pensamento de Henry Thoreau encontra o de Eric Dardel, acerca do drama contemporâneo anteriormente abordado neste trabalho.

Oferecer resistência enquanto dirigir-se em direção ao selvagem, em direção contrária à Terra desnaturada, em direção a um “deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vívida”, conforme pensara Dardel (2011, p. 96). Oferecer resistência enquanto meditar sobre o sentido que reina em tudo o que existe. Ao deparar-se com o selvagem, o homem se vê diante de um abismo e sente a necessidade de manter-se presente, atento ao seu arredor: é uma questão de sobrevivência. Que fazer? Jogar-se no abismo? Fechar-se a ele? Ignorá-lo? Pego de surpresa, ele reconhece que não se encontra mais

diante e sim no próprio abismo; ele então entrega-se ao abismo, deixa o mundo penetrar-lhe as entranhas, sente a fluidez da geograficidade. Procura referências e o que encontra é um senso primitivo, uma sensibilidade que sente o irromper de mundos. Na experiência do abismo, nesse abismar, as medidas do espaço entre o Céu e a Terra, até então conhecidas, são intensificadas, a mensuração está em aberto e outras referências emergem. Quais? Qual “a medida que se toma na poesia?”, pergunta Heidegger (2006, p. 176), que responde: “Devemos prestar atenção a esse modo de tomar, que longe de consistir num apossar-se ou agarrar, reside em deixar vir ao encontro o que está na medida”. Próximo ao que lhe aparece como selvagem, ao homem está aberta a possibilidade de uma vertigem geográfica, pois, diante de um abismo, a ele é requisitado que encontre uma nova medida para o mundo que é.

Desse modo, o abismar parece resguardar a possibilidade de um pensar poético, no sentido de ser um pensar que deixa vir ao encontro o que está na medida: encontro originário, que ignora convenções sociais estabelecidas, porque algo mais primordial emerge e toma conta de todo o pensar, a experiência do abismo direciona o homem à sua própria condição terrestre, reestabelecendo nele direções primitivas. Para Henry Thoreau, o poético estava na caminhada rumo ao oeste de seu país, era voltado a esse oeste que estava a correspondência de seu desejo pelo pulsar da existência. “O Oeste de que falo não é senão outro nome para o Bravio, o inexplorado” registrou Thoreau (2012, p. 101). Para Henry Thoreau, o inexplorado estava a oeste. **Para ele.** Mas, e **para você** ou **para mim**, onde está? Qual um sentido contemporâneo possível para a palavra selvagem? Que sabemos de nossas direções primitivas? O viajante, aqui anunciado, confunde-se com o próprio geógrafo. Ou será o contrário?

15. Cultivar a imaginação do encontro com uma onça-pintada fez vibrar medos e impulsos fundados na intimidade homem-terra, embora tal encontro nunca tenha se dado concretamente. Mas não é que os encontros com o mangue e com a onça são o mesmo para mim, o que se tem é que resguardam um sentido próximo, porque ressoam como vertigens geográficas, experiências que rompem com a Terra desnaturada, possibilitando um pensar mais próximo ao pulsar da realidade geográfica. Onça e mangue, portanto, carregam um sentido de me aproximarem da geograficidade, abrindo a possibilidade de poder dizer algo a partir dela. Diante da onça ou no mangue, quem diz não é um sujeito apartado do mundo, não há um lado separado do outro, o que se sente é a consciência entregue, toda ela voltada à abertura do mundo que naquele momento se apresenta. Parece que, nessa experiência marcante, a intencionalidade está voltada inteiramente ao acontecimento, dirigida à primitividade da geografia. Desse modo, o caráter intersubjetivo da geograficidade, cuja intencionalidade liga o homem à Terra, alberga a possibilidade de uma narrativa fenomenológica da geografia porque narrativa que emerge de acontecimentos que são os próprios modos de ser-e-estar-no-mundo. Narrativa dirigida às coisas elas mesmas, um esforço de contar, geograficamente, a história do embate entre as luzes e sombras da existência e do conhecimento geográfico emergido desse embate.

Não me lembro se alguma vez, antes da viagem ao Cardoso, tinha imaginado caminhar num mangue, pelo menos nunca fora uma imaginação alimentada. Mas, caminhar no mangue despertou referências íntimas, mudando-as dos lugares que até então ocupavam em mim, arrebatou os limites do mundo que eu era até então, dando maior profundidade à existência. Com intensidades distintas, onça e mangue mexem com minha condição terrestre. Poder encontrar um animal em seu próprio hábitat, podendo ainda ser uma onça-pintada, desperta certo instinto de sobrevivência, um alerta que apela para aterrar todo meu existir, porque nessa circunstância é preciso agir

com todo o corpo: pés, mãos, músculos, órgãos, são todos necessários para reagir ao acontecimento. Experimentar a vertigem geográfica, nesse sentido, é sentir concentrado todo o nosso ser no aí (*Da*) que se abre na forma de um abismo: nele, o homem sente o apelo por uma tomada de posição, a requisição para escolher uma postura diante do iminente embate, sente que é preciso deixar aterrar todo o pensar e agir a partir desse aterramento.

Distinto do modo como se deu com a onça, no mangue não senti medo, nem vontade de sair correndo. Mas, e de modo menos intenso, quanto mais atolava e levantava da lama, sentia o corpo exalar uma sensação de êxtase. Nesse êxtase, a sensação é que alguma coisa ali morria, abrindo espaço para um algo novo surgir. Sensação de conforto, ao presenciar o nascimento, no mangue, de algo que me fortalecia, que me dava certa coragem, que fazia eu reconhecer-me a mim mesmo de um modo que nunca antes havia acontecido. Força que me aproximou de minha própria existência, no sentido de conseguir pensá-la mais próxima à condição terrestre. Jean Grenier (2009) nomeou de “Ilhas Afortunadas” as experiências nas quais assistira “a um nascimento, o meu”, completando que “Um outro pode ser? Por que um outro? E parecia-me que eu começava somente então a **existir**”, pensou Grenier (2009, p. 116, **grifos do autor**). Algo teve início, para mim, depois de caminhar no mangue, não um começo a partir de um nada, pelo contrário, um começo voltado às origens do meu próprio habitar, um começo a partir do reconhecimento de elementos de minha própria existência.

Começar a existir enquanto experimentar intensamente o vigor do mundo que somos, enquanto sentirmo-nos habitando a própria abertura desse mundo. Sentir-se diante de um abismo geográfico, no qual a Terra aparece de modo arrebatador, nos arranca de certa indiferença para com ela: já não aparece calculada e medida geometricamente, mas sim misteriosa, desmesurada, pronta a ser pensada geograficamente. A experiência do abismo, nesse sentido, não joga o homem num vazio oco e insosso, mas sim o

coloca diante de uma Terra esvaziada de definições *a priori*, uma Terra livre para ser habitada poeticamente. No mangue, encontrei um vazio lamacento, preenchido de terra e de água misturadas pelas marés e esquentadas pelo sol forte, um vazio cheio da vivacidade dos caranguejos. Experiência que, desde que fora escrita, emerge como necessidade fundamental: escrever sobre o mangue tornou-se vital para mim, sinto que é preciso movimentar essa desmesura geográfica que o mangue deixou em mim. “Tenho apenas duas mãos / e o sentimento do mundo”, escrevera Carlos Drummond de Andrade (2010, p. 154). Tenho dois pés afundados na lama, a pensar o mundo que sou.

16. **Aquele sábado a tarde**, aquela lama nos pés, o banho refrescante no canal, o sol estalando na pele e fazendo arder todo o meu pensar, emerge como encontro poético com uma geografia primitiva: encontro criador de laços afetivos com a realidade geográfica experienciada intimamente. Naquela circunstância, o mangue não aparecera para mim como um ambiente pertencente a um certo bioma, domínio ou sistema. Ele não apareceu ali como um objeto no qual eu caminhava alheio, mas emergiu como extensão de mim, ao mesmo tempo em que eu parecia ser a extensão dele. Sabia que era eu quem caminhava no mangue, mas o que estava a minha volta não me era mais estranho: experienciava ali a totalidade originária do mundo. De certa forma, sou o mangue em que um dia andei. Mas isso fora pensado, de modo mais claro, apenas no momento em que essas linhas eram escritas pela primeira vez, quando reconheci que o horizonte aberto na viagem ao Cardoso, obscuro até então, aludia ao desejo de querer pensar a **experiência de ser invadido pelo presente**. Que pode ser isso? Uma possibilidade: diante do abismo, tomado de espanto e surpresa, não se pensa em mais nada, toda a atenção está voltada a tal circunstância. Eis então que abismamos! Fomos tomados por um vazio insólito, um vazio-preenchido-de-mundo: sentimo-nos invadidos e acolhemos tal invasão, entregamo-nos à paisagem que se apresenta diante de nós. Não fora apenas o sol, o mar, a vegetação, as pessoas que estavam também caminhando, a cor do céu ou mesmo o som dos animais, que fizeram dessa experiência um acontecimento fundante do meu modo de ser-e-estar-no-mundo. Foi o tudo isso junto, misturado, concentrado num experienciar que repercutiu em minha libido geográfica: voltei-me à própria ligação cujos laços eram gestados em pleno mangue. Senti um movimento existencial, o adensamento de uma tonalidade afetiva que colocou em movimento todo o mundo que sou. Que sou, e não que era, porque com este pôr-se a pensar na experiência do mangue continuo existindo a partir dela, conforme Heidegger (2012, p. 1025, **grifos do autor**) permite pensar, ao

compreender que a “história não significa tanto o ‘passado’, no sentido do que passou, mas o **originar-se** a partir dele”.

Cultivar esse originar-se, ao que parece, tem relação com o **sentido de geosofia como narrativa fenomenológica da geografia**, considerando que o **tema dessa narrativa remete a uma dimensão originária da existência, a geograficidade**. Nesse sentido, pensar a geosofia seria cultivar experiências marcantes que, não destinadas a permanecerem enquanto passado, permitem que cada homem possa melhor compreender sua própria condição de ser-no-mundo. Dito de outro modo: cultivar a própria história geográfica – a história das relações com as paisagens, lugares e territórios que participam da própria existência – isto é, pensar a geosofia, é cultivar a própria vitalidade da geograficidade e, conseqüentemente, um modo possível de cultivar o próprio habitar.

A trilha no mangue foi a experiência mais intensa dessa viagem ao Cardoso, que também ficou marcada pela formação de amizades significativas, pelo encontro com pessoas cuja empatia estabeleceu em mim novos modos de pensar, novas perspectivas em direção ao mundo que era até então, elementos essenciais da constituição de minha identidade. No domingo, logo após o almoço, pegamos o barco de volta para Cananeia e a noite já estávamos em Jaú. Pela manhã, havíamos caminhado até o Poço das Antas, trilha pela mata que culmina num pequeno poço cuja água estava geladíssima. Quase sempre entro nessas águas, a sensação é de que esse gelo traz algo de um renovar, parece que quer nos acordar de certo estado de languidez. Uma breve mas intensa viagem, uma viagem marcante. Viagem relativamente curta em relação aos quilômetros rodados e a quantidade de dias – não saímos do estado de São Paulo e dormimos apenas uma noite na ilha – não conhecemos outras praias do Cardoso, em relação à sua extensão territorial, apenas estivemos numa pequena parte. No entanto, uma viagem duradoura: que persiste no mundo que sou.

É preciso libertar o pensamento das escalas pré-definidas, para que ele não pretenda pré-definir o que é viagem e o que é turismo. Fui ao Cardoso porque o grupo, em Jaú, liderado por um engenheiro florestal que na época estudava a ilha, decidiu. De certo modo, comprei um pacote de viagem, embora, à época, tal pacote pudesse ser considerado, exagero um pouco, mais selvagem que turístico. O gerador garantia luz até às 22 horas, ficamos no norte da ilha, numa base de pesquisas e estudos da Universidade de São Paulo (USP) que até então recebia apenas grupos ligados à educação. Sei que agora é possível passar o dia na praia próxima a essa base, praia com cadeiras e guarda-sóis patrocinados por cervejas, imagem cada vez mais comum em praias brasileiras. Mas, à época, era uma parte pouco povoada da ilha. Dormimos nos alojamentos, ali comemos e pudemos conhecer um museu que estava sendo formado à época, não havia banho quente nem vendedores de comidas e bebidas. Lembro-me de ver a ossada de uma baleia jubarte, montada pelo Seo Romeu, morador e guia que parecia gostar de mostrar as coisas da ilha aos de fora. Não esperava muita coisa da viagem, embora consiga me recordar de um frio na barriga enquanto me preparava, na sexta a noite, para sair de casa e encontrar as pessoas. Lembro-me de ter comprado uma camiseta do parque, cuja imagem era a de um boto cinza que habita as águas salobras que banham parte da ilha. Fomos em duas vans e, da estrada, talvez traga três ou quatro imagens dispersas.

Sinto que demorar-se a pensar tal vertigem experienciada no mangue é permitir que os sentidos dessa experiência habitem todo meu ser, para que dela brote um pensar autêntico: um pensar emergido da lama que pisei. Sobre a vertigem geográfica, Dardel (2011, p. 45) afirma ser preciso que se lembre dessa experiência “como um tipo de ‘fulguração do ser’, de um certo começo absoluto do existir, que faz do encontro com a Terra muito mais do que um espetáculo banal e insignificante”. Começo absoluto do existir, Eric Dardel e Jean Grenier se encontram, evocando a possibilidade de o homem

sentir “a **sedução** profunda da Terra”, conforme Grenier (2009, p. 112, **grifos do autor**) escrevera. Experiência marcante que faz, do encontrar a Terra, não um ato banal, mas um ato fundamental: **reconhece-se a si mesmo**. É nesse sentido que o viajar pode aparecer enquanto ato que dá intensidade e tonalidade à existência, enquanto ato que pode despertar sentimentos essenciais e criar geosofias. Porque, de acordo com Grenier (2009, p. 109), viajar pode ser, para os “espíritos que carecem de uma força sempre intacta, o estimulante necessário para despertar sentimentos que na vida cotidiana não se manifestavam [...] sensações raras”. Despertar sensações raras, buscar pela vitalidade da própria existência e, nessa busca, encontrar-se com a própria situação de ser-no-mundo. Não é que se pode saber, de antemão, qual geografia corresponde a cada homem, porque esse corresponder é um estabelecer – um acontecimento fundador do mundo que se é. É preciso pôr-se a caminho e viajar, cuidando para que tal correspondência possa ser desvelada. É preciso lembrar-se de Onfray (2015), acerca das geografias correspondentes, lembrar-se de que não existem *a priori*, sendo necessário descobri-las.

Escrevera Grenier (2009, p. 111) sobre “momentos privilegiados em que a visão de uma região age sobre nós”. **A região agir sobre o homem!** Não como num sentido determinista, mas como um encontro. Permitir que uma região aja sobre nós enquanto deixar a Terra irromper em todo nosso existir, enquanto estar aberto para o caráter geográfico da existência: lembrar-se da geograficidade, aproximar-se dela. Pensar o sentido dessa experiência enquanto apropriar-se dos sentimentos despertados nesse irromper e trazer, para mais próximo, o poder pensar o mundo que se é: apropriarmo-nos da nossa história geográfica. Desse modo, a vertigem geográfica pode aparecer com um **anti-esquecimento**, porque nos aproxima da geograficidade. A experiência dessa aproximação, no entanto, necessita ser cultivada, sendo que nesse cultivar reside a relevância da geosofia enquanto narrativa

fenomenológica da geografia: **cultivar experiências marcantes que continuam a originar o mundo que somos**. Nesse sentido, a geosofia aparece enquanto possibilidade de resistir ao distanciamento do habitar contemporâneo, que condena o homem a encontrar uma Terra já desnaturada.

Naquele sábado a tarde, no Cardoso, jogado num abismo profundo, reconheci a mim mesmo e, escrevendo sobre tal reconhecimento sinto fortalecer o ser-geográfico que sou.

17. O caminho agora encontra-se sinuoso. Quanto mais distante de espaços construídos e povoados, e mais embrenhados na mata, ela aparece como se pudesse ser o mundo todo, como se nela estivesse concentrada toda a existência, sente-se todo o pensar voltado a ela, aos mistérios e encantos que brotam naqueles que nela adentram. Quando, no dia anterior a uma caminhada, choveu, é sabido que os pés serão exigidos mais que o comum: numa subida íngreme, típica nas regiões dos mares de morros, por exemplo, e sobretudo quando na volta essa subida torna-se descida, a trilha encharcada de lama e chuva requisita um equilíbrio intenso, certa astúcia para que não se tenha algum machucado. A umidade toma conta da paisagem, os animais estão quietos, talvez escondidos, a espera de que o sol evapore tanta água. Ao atravessar finalmente o morro e chegar à praia, olha-se para o caminho com certa satisfação: o corpo, embora cansado, parece comemorar a superação de tal desafio. Numa outra situação, a de andar numa planície, num dia quente, toda descoberta de vegetação ou com pequenos arbustos apenas, o que parece ser exigido é uma concentração para que não se deixe o sol queimar a cabeça e todo o pensar, para que se suporte a aridez da paisagem e a ausência de abrigo, para que não se derreta diante de tal esforço. Como se deseja uma sombra nessas horas! Atmosfera carregada de vastidão e lonjuras que escancaram o caráter mortal da existência, que precisa controlar a sede para não sucumbir. Sente-se pequeno diante de tal vastidão, mas também grandioso, engrandecido pela própria vastidão percorrida. Se o chão úmido exige do corpo certa tração e força para conseguir subir e descer encostas, a aridez do sertão parece pedir ao corpo para respirar profundamente, a fim de concentrar-se no caminho e conseguir esquecer as ausências de água e de sombra. Eis o homem, jogado no mundo, impelido a agir.

Podem, tais situações narradas, mostrar uma face do embate terra-mundo? Sim, não porque tais caminhadas sejam casos raros ou fantásticos, mas porque elas remetem a circunstâncias nas quais um homem pode se deparar com sua condição terrestre. Tais situações mostram ao homem o caráter incerto de sua própria existência, exigindo dele um pensar mais primitivo: mais próximo à sua condição terrestre. Não é uma consciência que, alheia ao mundo, precisa pensar e responder a tais circunstâncias, mas todo o corpo, todos os órgãos, e não apenas isso, todo o pensar necessita estar dotado de sentimentos vitais. Em tais circunstâncias, procura-se uma geografia primitiva: não um “conteúdo do saber”, mas uma geografia enquanto “orientação em relação ao mundo”, conforme pensa Besse (2006, p. 83). **Orientação em relação ao mundo**, o conhecimento geográfico enquanto conhecimento que situa o homem no mundo, isto é, que o permite uma autocompreensão do mundo que se é. Fundada no embate terra-mundo, a geograficidade é um modo de acontecimento desse embate. Isso quem mostrou foi Dal Gallo (2015), ao pensar a **fundação da geograficidade**: a fundação daquilo que é o próprio fundamento de uma geografia primitiva, de uma geografia que é um conhecimento orientador de mundo, que designa direções primitivas para as quais a existência está voltada.

Dal Gallo (2015, p. 88) afirma que “esse embate dá a fundação da geograficidade em termos de um acontecer, de um momento original e originário”. A geograficidade em termos de um **acontecer**. Que isso pode significar? Em primeiro lugar, revela um conhecimento geográfico emergido de um acontecer e não de uma análise exterior a um acontecimento. A geograficidade em termos de um acontecer pode ainda aludir: geografia em ato, geografia não como disciplina científica, mas, antes de tudo, enquanto **ato de pensar geograficamente o mundo**: orientação em relação ao mundo. Nesse sentido, a geograficidade é ligação originária que, para ser desvelada, para ser trazida à luz, apela ao homem para que ele aja, para que ele vá ao encontro

para que tal acontecimento se dê. Ocorre que essa geografia é desvelada e velada no próprio embate, e o homem precisa perguntar por ela para tomar consciência do mundo que é. É preciso pensar cuidadosamente sobre tal embate: ser fundada no embate terra-mundo faz da Geografia uma ciência existencial, isto é, ciência voltada à experiência geográfica cujo tema diz respeito a uma dimensão originária da existência: a geograficidade. Finalmente, cultivar a reflexão desse velamento-desvelamento, enquanto função da geosofia, é manter acesa uma chama geográfica originária, é cultivar as próprias origens, não em direção a um passado distante, mas ao presente, em direção ao próprio embate, que permanece sempre enquanto destino e condição terrestre.

Que pode ser tal embate terra-mundo? A **Terra** (*physis*), neste caso, não deve ser confundida com o planeta nem com a representação de uma massa composta de sedimentos, mas deve ser compreendida como aquilo que, distinto do homem, abarca toda a possibilidade desse homem existir, porque existir é inevitavelmente existir na Terra. É ser-no-mundo. É confrontar-se àquilo que, não sendo o homem, a ele está ligado inexoravelmente. Nesse confrontar-se, nesse embate, o homem, ao existir, dá luz ao próprio **mundo**, porque nesse ato de dar à luz ele retira da Terra as condições para sua própria existência. É sempre **para o homem** que esse embate acontece enquanto luta pela sobrevivência. A Terra irrompe, mas torna a encobrir-se, resguardando o caráter misterioso da existência, mantendo um fundo escuro com o qual o homem se depara a todo momento, de modo incontornável, fundo escuro que exige dele, para que ele habite, uma luta permanente. Desse modo, tal embate deixa em aberto toda a existência, porque exige do homem o desvelar de uma verdade, verdade que acontece a partir da medida originária que ele estabelece no habitar: a fundação do mundo reside no modo como o embate terra-mundo é estabelecido, na medida estabelecida entre Céu e Terra, medida que desvela o mundo que se é. “Aí onde se jogam as decisões

essenciais da nossa história, onde por nós são assumidas ou abandonadas, onde não são reconhecidas e onde são de novo questionadas – aí o mundo faz mundo” pensou Heidegger (2014, p. 42).

Um jogo no qual o mundo faz mundo. Que é esse jogo, que parece requisitar ao homem um assumir ou um abandonar, que apela por decisões essenciais da própria história? Uma resposta possível a tal indagação pode ser encontrada noutro texto, no qual Heidegger (2009b, p. 329) apresenta o “Mundo como ‘jogo da vida’”, cujo caráter originário desse jogar, complementa Heidegger (2009b, p. 331), é o de “estar-em-uma-tonalidade-afetiva, estar-afinado”. Jogar um jogo que envolve a **tonalidade afetiva do ser-no-mundo**, que busca uma afinação diante desse jogo, um “modo peculiar de encontrar-se-aí-disposto”, como afirma Heidegger (2009b, p. 332). Jogado no mundo, o homem não escolhe entre jogar ou não jogar, sua própria recusa já é um modo de jogar. Esse jogo é condição vital para sua existência. E se joga estando sempre num determinado aí (*Da*), isto é, numa certa atmosfera, num certo estado-de-ânimo. Encontrar-se disposto diante desse jogo – que é o próprio embate de luz e sombra, de mundo e Terra – é um sentido para a expressão **ser-no-mundo**: “O ser-no-mundo é esse jogar originário do jogo”, pensa Heidegger (2009b, p. 333). **Jogar**, desse modo, não é necessariamente ocupar-se com jogos, mas, e antes de tudo, **buscar uma afinação**, um tom apropriado e emergido do **embate terra-mundo**.

O mundo como um jogo e um jogar, no qual o homem participa estando sempre numa dada tonalidade afetiva, numa dada afinação diante do aí (*Da*) no qual encontra-se a cada circunstância. Estamos afinados com o mundo que somos? Viajamos em busca de tonalidades que nos agradam, procurando afinações correspondentes? Se o espaço entre o Céu e a Terra pode ser encarado tal qual uma flauta – conforme indica o aforismo taoísta de Lao-Tzu (2006) no início deste trabalho –, como tem se dado o sopro que somos? Sopro que exige uma respiração contínua, respirar que conserva o pulsar

vívido da geografia, ligação homem-terra sempre a ser realizada. “Jogar não é um mero comportamento em relação a mas jogar o jogo e o jogo do jogar são sobretudo um acontecimento originário e mostram-se indissociáveis”, escrevera Heidegger (2009b, p. 337). O mundo enquanto um **acontecimento originário**: um embate que visa estabelecer uma **medida própria entre o Céu e a Terra**. E parece não haver regras pré-determinadas para tal jogo, porque ele é um “livre formar que sempre tem, a cada vez, a sua própria consonância interna, na medida em que ele a forma para si em meio ao jogar” afirma Heidegger (2009b, p. 336). Jogar parece ser, desse modo, o estabelecer uma medida a partir da tensão contida no embate terra-mundo e, nesse sentido, **uma vinculação**, um “ato formador de se vincular ao e no próprio formar que consiste em um jogo”, esclarece Heidegger (2009b, p. 337). Acontecimento originário enquanto vinculação com aquilo que, a cada momento, se apresenta ao homem enquanto condição e possibilidade para seu habitar. Dito de outro modo: o mundo geográfico constituído dos mais diversos vínculos que cada homem estabelece com os espaços geográficos nos quais existe, mas não um mundo estático, pelo contrário, sempre em direção a..., mundo sempre sendo orientado por uma geografia vívida.

É possível reconhecer, a partir do mundo como jogar e como jogo, o caráter de sobrevivência da existência. Mas, não será óbvio tal caráter? Como surpreender-se com a necessidade de sobreviver para... viver? No entanto, antes dessas linhas serem escritas, isso aparecia tão longe! Então, como num lapso, teria havido um esquecimento do caráter vital do existir? Talvez. O que parece razoável pensar é num certo tipo de esquecimento: do habitar enquanto ato poético, no sentido de resguardar a verdade oriunda do embate terra-mundo, isto é, esquecimento que mantém distante a busca por um habitar autêntico, em troca de um habitar ausente da tensão própria de tal embate, pois voltado, primordialmente, a outros interesses. Para não permanecer à margem da vida social aceita na realidade onde se mora e se

circula, muitas vezes parece que abnegamos de seguir outros caminhos, distintos dos hegemônicos, embora bastante próximos a nós mesmos. É nesse sentido que pensar a partir da geosofia, o que esta dissertação propõe, emerge como possibilidade de anti-esquecimento da ligação homem-terra, porque impele o homem a voltar-se para sua própria existência, dirigir-se ao caráter primitivo de seu modo de ser-e-estar-no-mundo. Primeiramente, neste trabalho, a geograficidade, a partir de Dardel (2011), fora exposta como ligação originária homem-terra e, neste momento, a proposta é pensar essa ligação no contexto de um jogar: não como ligação que se dá de forma uniforme, neutra e banal, mas sempre a partir de uma tensão, jogo de luz e sombra, de abertura e encobrimento, tensão que permeia todo o modo de ser-e-estar-no-mundo. A intensidade dessa ligação, isto é, sua **tonalidade afetiva**, não está posta *a priori*, ela acontece e desvela a própria existência. Uma geografia primitiva e vital, um jogo de medições do espaço entre o Céu e a Terra, medições que estabelecem modos de habitar, medições orientadas por uma geografia orientadora de mundos, designadora de direções primitivas.

Fundada no desvelamento do embate terra-mundo, a geograficidade alberga uma sensibilidade do homem em relação à ligação que ele estabelece ao existir, sensibilidade acentuada em momentos privilegiados da existência. Que pode ser um momento privilegiado da existência? De Paula (2015, p. 59, **grifos da autora**) nomeou de “acontecimento geopoético”, acontecimento que “se realiza na nossa sensibilidade em relação à Terra”, onde “se sentir sensível sempre pressupõe o encontro com algo; e, pelo **encontro**, ser **afetado** por esse algo”. Em relação à Terra, o homem é sensível, isto é, é capaz de sentir essa ligação essencial: “Dizemos sensível para nos reportar às sensações, emoções, ideias despertadas em nós a partir do encontro com algo” esclarece De Paula (2015, p. 59). Ser afetado por um encontro marcante, experiência sentida pelo **Corpo-Terra**: expressão que designa a indissociabilidade entre consciência e órgãos sensíveis, expressão que atesta

a intimidade homem-terra, ligação umbilical que nos permite sentirmos que somos feitos de elementos terrestres. De Paula (2015, p. 63) afirma não existir “qualquer pensamento, qualquer abstração, qualquer imaginação, qualquer ideação, qualquer ação humana que não seja atravessada pelo contrato inalienável entre Corpo e Terra, pelo sensível”. A partir de Maurice Merleau-Ponty, a autora traz uma imagem fundada num pensar que parte da condição Corpo-Terra. Escreve De Paula (2015, p. 62) que, diante da montanha, a sente: “Quando sinto a montanha, eu sou um esquema corporal indissociado dela, eu sou isso que percebo, sou essas tonalidades afetivas que só existem em mim porque sinto/sou a montanha”. Porque sinto/sou a montanha, bela imagem que enche de frescor o mundo enquanto jogo da vida.

Sensível a tal ligação essencial que estabelece ao habitar, o homem estabelece distintos vínculos com os espaços geográficos que se depara a cada momento. Enquanto ser-no-mundo, ele reage a cada aí (*Da*) que se abre diante dele. Vinculação cuja oscilação manifesta distintas tonalidades afetivas e estados-de-ânimo, distintas disposições para agir nesse jogo de vincular-se e desvincular-se. Pensando geograficamente, esse jogo pode dizer sobre nossa condição terrestre: um jogar que é um ligar-se e/ou um desligar-se em relação às paisagens, territórios e lugares da existência. Desse modo, o acontecimento geopoético pode ser um momento marcante desse jogo, uma experiência fundamental porque funda vínculos originários, porque faz emergir uma tonalidade afetiva intensa. Acontecimento no qual o homem estabelece uma medida originária ao espaço entre o Céu e a Terra. Nesse sentido, propõe-se aqui considerar a **vertigem geográfica** enquanto um modo de ser de um acontecimento geopoético. Um acontecimento vertiginoso, no qual o homem aproxima-se de sua condição terrestre ao experimentar a Terra sem medidas previamente conhecidas. Desse modo, a vertigem geográfica pode ser um parto geográfico, porque faz rebentar, no Corpo-Terra, novos pensamentos e medidas, estas verdadeiras porque desveladas no embate

terra-mundo. Um parto geográfico porque **ato de parir vínculos geográficos dotados de novas tonalidades e intensidades**, vínculos novos e que passam a compor o conhecimento geográfico enquanto orientação em relação ao mundo.

Se posso ser a trilha úmida e íngreme, assim como a planície extensa, quente e árida, se posso sentir o *aí (Da)* que se apresenta para mim a cada momento, há algo sobre esse sentir que funda um modo de conhecer, isto é, um modo de me aproximar da realidade geográfica. Há um modo mais imediato, de conhecer tal realidade, em comparação ao racionalismo exacerbado advindo da ciência moderna: Heidegger (2009b, p. 125) afirma que o pensamento cartesiano considerou o sujeito sem o “ser junto a”, isto é, sem a consideração da intencionalidade como elemento essencial da existência. A fenomenologia, pelo contrário, não pensa uma realidade objetiva que exista independentemente da consciência, tampouco uma realidade que exista apenas dentro de uma consciência e alheia ao mundo. Não, a fenomenologia está voltada para a relação indissociável homem-terra, e apenas a partir dessa relação que pensa a realidade. Eric Dardel considerou a geografia, antes de tudo, como um modo de ser da realidade, um modo primitivo e imediato. Nesse sentido é que a **realidade geográfica é afetada por sensações e sentimentos**, conforme enfatizara Besse (2015b), o que abre caminhos possíveis para pensar a geografia a partir da fenomenologia: um conhecimento orientador de mundos.

18. O mangue respira: A **geograficidade** fundada no **embate terra-mundo**, ligação que desvela uma **geografia enquanto orientação em relação ao mundo**. O homem, jogado no mundo, luta por sua sobrevivência: ele joga e tenta estabelecer uma medida, entre o Céu e a Terra, que lhe seja apropriada. A geograficidade acontece como ligação a ser sempre estabelecida, a parir e a morrer ela está condenada: trazida para junto do pensar ou então esquecida, distante. Tal ligação **cria vínculos primitivos**, vínculos que fazem o mundo ser do modo como é para cada homem. Nesse vincular-se, há **momentos marcantes**, quando pode ocorrer, por exemplo, um **acontecimento geopoético**, experiência na qual consciência e corpo sentem o vigor originário da existência. Um modo de ser desse acontecimento pode ser a **vertigem geográfica**: experiência que faz a Terra aparecer ao homem sem nenhuma medida pré-definida. Ao experienciar uma vertigem geográfica, o homem **desmede a Terra**, ele a vê não por medidas que até então lhe eram conhecidas. A experiência dessa vertigem é um **parto geográfico** porque remete ao nascimento de vínculos originários com os espaços geográficos da existência, vinculação que dá tonalidade e intensidade ao mundo que se é: **orientação em relação ao mundo**.

19. Um abismar toponímico. Eis o nome que encontrei para qualificar uma experiência de viagem narrada pelo escritor italiano Antonio Tabucchi, uma das diversas histórias de viagem presentes em seu livro “Viajes e otros viajes”. Nessa história, o escritor narra uma experiência que teve quando, em viagem a Lisboa, andava por ruas pouco frequentadas por aqueles que não moram na cidade, ruas aparentemente desinteressantes para fazerem parte dos guias de viagem sobre a cidade. No entanto, Tabucchi (2012, p. 170) alerta que “hay razones que escapan incluso a las mejores guías”⁹, demonstrando, com isso, uma atitude de viajante disposto a escapar de circuitos turísticos pré-estabelecidos, a desviar das atrações e roteiros pensados por outrem, porque nele parece haver uma vontade de descobrir que o faz andar por caminhos distintos dos destacados em guias de viagem. Nesse sentido, ele busca caminhos cujas descobertas podem ser acontecimentos fundamentais: desvelar mundos.

Acontece que uma das ruas, que percorria à deriva, lhe chama mais atenção, a **rua da Saudade**. Interessado no nome, Tabucchi (2012, p. 170-171, **grifos do autor**) então medita: “**Saudade** es una palabra portuguesa de ardua traducción, puesto que es una palabra-concepto”¹⁰. Após remeter a definições de dicionários e à etimologia da palavra, ele sugere que ela nomeie certa nostalgia e melancolia, tanto de passado como de futuro. Tomado pelo momento, ele contempla a paisagem que a rua lhe oferece, e une, à contemplação, uma meditação acerca da palavra saudade. Localizada na parte alta da cidade de Lisboa, da rua da Saudade é possível avistar, segundo o escritor, uma grande parte da cidade e a enorme foz que se forma na chegada do Rio Tejo ao Oceano Atlântico. Além disso, um horizonte, que parece ser infinito, se abre diante dos olhos. Tabucchi (2012, p. 171), então, pensa: “El

⁹ Tradução livre: “há razões que escapam inclusive aos melhores guias”.

¹⁰ Tradução livre: “*Saudade* é uma palavra portuguesa de árdua tradução, considerando que é uma palavra-conceito”.

desconocido português que dio su nombre a este calle sin duda había contemplado a la perfección el panorama”¹¹, para depois complementar: “Para comprender que és la saudade, por lo tanto, nada mejor que experimentarla directamente”¹². Num caminhar incerto pelas ruas lisboetas, o escritor encontra uma palavra e uma paisagem que o encantam e o deixam pensativo, como que mergulhado por inteiro em tal circunstância, tentando imaginar como se deu a nomeação da rua. Percorrendo um distraído roteiro pela cidade, mas atento às paisagens percorridas, Antonio Tabucchi se revela um viajante sensível à realidade geográfica: ele deixa que tal realidade o invada e habite todo seu pensar. Nesse sentido, parece aceitável considerar que ele escreve palavras emergidas da geograficidade, porque sentimentos despertados na própria ligação que estabelece com a Terra.

Escreve Tabucchi (2012, p. 172) que, “Allí, a solas, contemplando este panorama que se abre ante nosotros, tal vez nos asalte una suerte de conmoción”¹³, contemplação que aguça sua imaginação e o faz viajar para outros tempos e casas: “Nuestra imaginación, haciéndole un quiebro al tiempo, nos hará pensar que volvamos a casa y a nuestras costumbres, nos invadirá la nostalgia de un momento privilegiado de nuestra vida”, nostalgia de ter experienciado um **momento privilegiado**, no qual encontrava-se “en una hermosa e solitaria callejuela de Lisboa contemplando un panorama conmovedor”¹⁴. Contemplando a imensidão da paisagem, meditando sobre o nome da rua – um nome forte, que dá um sentido próprio, apropriado àquele

¹¹ Tradução livre: “O desconhecido português, que deu o nome a esta rua, sem dúvida havia contemplado perfeitamente o panorama”.

¹² Tradução livre: “Para compreender o que é a saudade, portanto, nada melhor que experimentá-la diretamente”.

¹³ Tradução livre: “Ali, sozinho, contemplando esta vista que se abre diante de nós, talvez nos assalte uma espécie de comoção”.

¹⁴ Tradução livre: “Nossa imaginação, fazendo uma quebra no tempo, nos faz pensar que voltamos para a casa e para nossos costumes, e nos invadirá a nostalgia de um momento privilegiado de nossa vida”; “em uma bela e solitária ruazinha de Lisboa, contemplando uma vista comovente”.

espaço geográfico –, o escritor vai longe, pensa que quando estiver em sua própria casa, envolto por costumes e hábitos conhecidos, irá lembrar-se do momento em que fora invadido pela realidade geográfica, invasão que o levou às profundezas de sua relação homem-terra. Comovido pela circunstância, uma nostalgia o invadiu. Finalmente, ele afirma: “Pues biena, la suerte está echada: estamos sintiendo nostalgia del momento que estamos vivendo en ese momento. Es una nostalgia al futuro. Hemos experimentado en carne propia la saudade”¹⁵, reconhece Tabucchi (2012, p. 172). Experimentou em todo o corpo o sentimento de saudade, emergido da sensação de nostalgia que o invadiu enquanto contemplava Lisboa e meditava sobre a palavra saudade: um abismar toponímico! Um abismar toponímico: próximo à realidade geográfica que se apresentou a ele naquele momento, isto é, pensando com o Corpo-Terra todo aquele apresentar, Antonio Tabucchi sentiu na própria carne o sentimento que dá nome à rua. **Abismar toponímico: experiência de compreender a origem de um nomear, de um ato poético revelador do embate terra-mundo.**

Antonio Tabucchi demorou-se no seu experienciar, cultivou o que sentira em plena rua da Saudade e narrou tal meditação. Nesta dissertação se propõe considerar que em todo homem reside a possibilidade de conseguir contar sua própria história geográfica, de narrar as experiências geográficas que despertam sensações e sentimentos relativos aos espaços geográficos e relevantes para o mundo que cada homem é. **Tentar narrar tal história**, isto é, **pensar geosoficamente o caráter geográfico da existência**, pode, nesse sentido, colocar o homem a pensar tanto individualmente como coletivamente a realidade geográfica em que vive. Nesse sentido, seria uma apropriação da própria história: uma aproximação com a condição terrestre. Josué de Castro

¹⁵ Tradução livre: “Pois bem, a sorte está lançada: estamos sentindo nostalgia do momento que agora estamos vivendo. É uma nostalgia do futuro. Experimentamos a saudade em carne própria”.

(1959, p. 59), num texto em que afirma não acreditar em “literatura neutra, literatura sem tendências”, defende um compromisso, que julga fundamental, para o escritor: “Um único compromisso, e êste de vida ou de morte é o que deve manter o artista para consigo mesmo, para com suas próprias impressões sensoriais, para com sua experiência sensível”, escreve Castro (1959, p. 60). Todos podemos narrar as experiências sensíveis que temos nos espaços onde existimos? Por quê não? Compreende-se aqui que tal possibilidade exista para todo homem e não apenas para alguns poucos, porque narrativa emergida da própria condição terrestre. Nesse sentido, todos podemos ser artistas e narrarmos nossa própria história, de produzirmos arte, no sentido que Josué de Castro (1959, p. 60) compreendeu o termo: “a arte é sempre tendenciosa, pois encerra em tôdas as suas expressões a reação do humano diante das fôrças circundantes”. **A arte enquanto reação à realidade geográfica:** fazer emergir a geosofia, narrativa fenomenológica da geografia. Nesse ato de narrar, apontam-se direções, escolhem-se caminhos: “esta reação tem que ser necessariamente também uma fôrça, e não há fôrça sem diretriz. E quem diz diretriz diz tendência”, continua Castro (1959, p. 60-61). Cultivar a força presente no habitar, fazer brotar uma arte própria: apropriar-se da força emergida do embate terra-mundo.

20. John K. Wright, cultivando um sentido para geografias desconhecidas, que nomeou de *terrae incognitae*, aspirou uma educação geográfica na qual os professores haveriam de “tornar o estudo de geografia mais poderoso do que agora parece ser, ao **disparar as imaginações artísticas e poéticas dos estudantes e do público**”, escreveu Wright (2014, p. 17, **grifos nossos**). Dar potência ao estudo geográfico, eis uma possibilidade do que a geosofia pode oferecer à ciência geográfica. Por quê? De acordo com o que se pensou até aqui, é possível considerar uma resposta: a potência da geosofia reside na vitalidade que pulsa nesse conhecimento geográfico emergido da geograficidade, de uma ligação que sente o pulsar que o próprio Corpo-Terra é. Ao pretender disparar as imaginações artísticas e poéticas dos estudantes e do público, há mais que um convite, pois um apelo: desvelar esse mundo pulsante, escrever sensações e sentimentos emergidos da condição terrestre. Para Wright (2014, p. 18, **grifos nossos**), tais estudos poderiam “fazer das nossas **viagens para o geograficamente desconhecido** uma aventura constantemente satisfatória” porque, continua o autor, “talvez, as mais fascinantes de todas as *terrae incognitae* são aquelas que **ficam dentro das mentes e corações dos homens**”. Uma geografia primitiva, tensionada pelo bater do coração, revela ao homem o mundo que é.

“O Egito era mais barato que o Nordeste, olhamos no site aonde poderíamos ir com aquele dinheiro e fomos. Você compara os preços e vê que pode ir para mais longe, aí vai”. Foi assim que A. disse do porquê escolhera o Egito como destino de sua segunda viagem internacional. Reconheço que esperava uma resposta que revelasse algum sentimento especial àquele país ou a uma de suas cidades, ou então a algum monumento ou evento que chamasse a atenção de A. para justificar tal escolha. Mas, nada disso foi confirmado. De início, a escolha de A. não teve relação com as paisagens do norte da África, nem com pirâmides e desertos. Antes disso, a escolha de A., sob influência de uma referência econômica, se deu quando ele considerou

que, com a mesma quantia de dinheiro a ser gasta, ele poderia ir para mais longe, não apenas para o Nordeste brasileiro, mas para uma realidade geográfica mais distinta e distante da realidade geográfica na qual existe. Entre a decepção de uma resposta praticamente oposta à esperada, e a meditação sobre o que se pode pensar a partir desse episódio, é possível reconhecer uma primeira observação: ao passo que com sua dor de barriga A. trouxe o viajar junto às entranhas, em sua ida ao Egito A. trouxe o viajar junto ao racional. Isso não quer dizer que nenhuma outra referência participou da sua escolha, mas que no caso do Egito, por exemplo, prevaleceram as referências econômicas mais que o medo de ir a outro continente. Prevaleceu o desejo de viajar para uma realidade geográfica mais longínqua, em termos de quilômetros e, *a priori*, mais distante em termos de modos de ser-e-estar-no-mundo. Um desejo, talvez, de romper mundos, em direção a realidades geográficas menos conhecidas para ele.

Onfray (2015, p. 75), pensando a questão da subjetividade no viajar, afirma: “Nós mesmos, eis a grande questão da viagem [...] só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito [...] quem sabe, de nos encontrarmos”. A viagem enquanto jornada, enquanto ato de sair e deparar-se consigo mesmo, embora com um eu já modificado pelo próprio caminho percorrido. Jornada que necessita ser pensada cuidadosamente para que aconteça: é preciso estar voltado à própria condição terrestre, estar sensível à geograficidade. Caso contrário, uma “volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco uma existência inteira, às vezes”, pondera Onfray (2015, p. 75). Noutro momento, Onfray (2015, p. 75) medita acerca de uma pergunta que ele mesmo qualifica de exercício filosófico: “O que posso aprender e descobrir a meu respeito se mudo de lugares habituais e modifico minhas referências? O que resta da minha identidade quando são suprimidos vínculos [...]”? Uma geografia vivida em ato emerge sob variados tons, tamanhos e profundidades, multicolorida... e

viajar parece conseguir abalar tal vibração, tal atmosfera, viajar mexe com tais referências. Viajar e sentir um **alívio geográfico**, alívio de poder estar diante de outra paisagem, de conseguir sair da realidade geográfica a que se está habituado. Pode-se sentir prazer em retornar à casa da infância, mas também se pode lamentar que é preciso voltar à realidade, como se diz quando, na volta de um feriado ou das férias, não se olha com bons olhos a segunda-feira que se aproxima. Visitar a casa um dia deixada a fim de fazer a vida noutras terras, viajar para outro país já que o preço é o mesmo que o de uma viagem nacional. Viajar. Para quê? Descansar? Desbravar? Simplesmente ir, sem ter ao certo um porquê mais evidente? Momento particular da existência, de acordo com Bailly e Scariati (1999), viajar resguarda a possibilidade de despertar a consciência para o caráter geográfico da existência e, a partir disso, levar o homem a pensar geograficamente o mundo. O coração trata de manter pulsando as terras conhecidas e desconhecidas, os mundos próximos e distantes, um pulsar que atrai àqueles cuja geograficidade exala à flor da pele.

Contemplando uma exposição de fotos de Cuba, A. parou diante de uma foto de um azul irradiante, vindo de um mar calmo e convidativo, e disse: “estou pensando em levar um *snorkel* para mergulhar”. Há pouco ele havia me contado que iriam para Cuba, no final do ano, ele a esposa e um amigo, “que nunca saiu do estado de São Paulo”. Diante da foto e da fala de A., tentei permanecer em silêncio, mas não o fiz, indaguei-o: “não é você que não sabe nadar?”, no que A. então respondeu: “Sim, mas pensei em ficar no raso mesmo, vendo algumas coisas”. A conversa rumou para outras direções, mas o *snorkel* ficou registrado no diário. Viajar e fazer coisas que em casa não se faz ou não se está acostumado. “Uma vez fomos viajar com um casal de amigos, mas aí não deu, foi foda. A ideia deles era chegar no Rio de Janeiro, sentar num boteco e ficar ali bebendo, parado. Não dá né?” narrou A., que continuou: “Não entendo o cara viajar para ficar parado, fazendo uma coisa

que eu poderia fazer sem sair de casa. No fim a gente ia dar uma volta e depois nos encontrávamos. Mas nunca mais viajamos juntos”. Diferentes estilos de viagem, diferentes buscas e querereres. A. ainda disse: “Um dia eles aceitaram e foram até o Jardim Botânico, mas ela foi meio contrariada”. Não havendo um modelo que define o que é uma viagem autêntica, o viajar aparece enquanto possibilidade de realização de um ato poético: criador de novas referências de mundos, ato que estabelece geosofias. Dito de outro modo: o viajar enquanto ato de desvelar vínculos geográficos, vínculos de diferentes tonalidades afetivas. Nesse sentido, a possibilidade de uma viagem autêntica reside no próprio ato de pôr-se a caminho, de viajar interessado na própria condição terrestre e buscar geografias correspondentes ao temperamento de cada um: **viajar enquanto arte de tecer mundos, de urdir vínculos e sentimentos geográficos**. Urdidura realizada pelo corpo, que Onfray (2015, 78) afirma ser o epicentro da viagem: “a carne do viajante: seus cálculos, suas pedras nos rins, suas fadigas, seus banhos, suas bebidas, seus alimentos, seu sono”. Assim como se planeja viajar as férias inteiras, também se reserva os dias finais para ficar em casa, descansando da viagem.

“Sabe que eu fiquei pensando nesse negócio do porque eu viajo, isso de qual é o meu lugar, com o que me identifico, depois das nossas conversas”. Havíamos saído da exposição de foto, dirigíamo-nos à biblioteca do Memorial da América Latina, em São Paulo (SP), andávamos A. e eu, e conversávamos à deriva, na verdade já havia um silêncio duradouro quando ele disse a frase acima. Quando perguntei o que ele havia ficado pensando, respondeu: “É uma fuga mesmo, acho que quero, sei lá, passar um tempo sem ninguém saber quem eu sou, você andar na rua e se misturar, não quero que fiquem me oferecendo coisas, ir e passar um tempo assim”. Perguntei se alguma viagem isso ocorrera de modo mais intenso, mas ele não soube dizer. Mostrou um desejo de poder existir noutra realidade geográfica, na qual seria outro, mas logo depois expôs uma decepção: “nunca pensei em ficar para sempre no

lugar, talvez em Recife, mas logo você vai ter que trabalhar, se sustentar, tudo a mesma coisa”. Ao pensar sobre o viajar, A. reconheceu que este não é um ato banal, mas existencial: para onde quer que fosse, levaria sempre ele mesmo, bagagem corpórea carregada de experiências geográficas, bagagem de mundos conhecidos e desconhecidos que constituem as referências primitivas do mundo que é. Estaria sempre consigo mesmo, pensou A., para onde fosse. Sobre tal reconhecimento, Grenier (2009, p. 110, **grifos nossos**) pensara: “Portanto, **pode-se viajar não para evadir-se, algo impossível, mas para se encontrar**”. Habitando as mentes e os corações dos homens, geografias conhecidas e desconhecidas orientam os homens em relação o mundo que cada um é, orientação afetada, em maior ou menor intensidade, pelo ato de viajar enquanto jornada. “Deixe-me ir preciso andar / vou por aí a procurar / rir pra não chorar / [...] / Se alguém por mim perguntar / diga que só vou voltar / quando eu me encontrar” cantou Cartola o samba grave de Candeia.

21. Um abismar iniciático. Assim nomeei o sentido de minha experiência no mangue. Tenho que a viagem ao Cardoso foi **um** ato criador do meu pensar geograficamente o mundo, um ato poético da minha geosofia: descoberta de um mundo novo, não de todo desconhecido, mas correspondente geograficamente, isto é, ao temperamento do mundo que sou. Abismar enquanto ser invadido pelo presente: **experienciar a paisagem presentificada**, experiência que afeta direções primitivas porque, ao mesmo tempo, desnorteia e norteia o homem no mundo. Abismar iniciático porque doador de novas tonalidades afetivas do mundo que sou. Cabe explicar melhor o sentido para tal abismar.

A partir de Eric Dardel, neste trabalho a experiência da **vertigem geográfica** é pensada a partir de três perspectivas que são complementares e dão um sentido existencial a tal experiência: 1) **sensação de estar diante de um vazio-preenchido-de-mundo**; 2) **experiência de desmedida do mundo**; 3) **anti-esquecimento da condição terrestre**. Quanto à primeira: que pode ser um abismo não vazio? Tal resposta será pensada a partir da compreensão de um sentido fenomenológico de paisagem, a saber, a paisagem enquanto “mistura existencial sentida”, conforme Marandola Jr. (2014c, p. 3) enunciou. Para tanto, e antes de tudo, a paisagem deve ser compreendida como uma “**paisagem que chega a nós originariamente como sentir**” segundo Marandola Jr. (2014c, p. 13, **grifos do autor**), uma “maneira de ser invadido pelo mundo”, conforme pensara Besse (2006, p. 79). Nesse sentido, **a paisagem reside na ordem do sentir**, conforme tanto Besse (2006) como Marandola Jr. (2014b; 2014c) a pensam. Quem pode sentir tal abismo, tal vazio-preenchido-de-mundo? O Corpo-Terra. Sensível ao mundo, originariamente ele sente que a paisagem se “constitui na experiência sensível”, de acordo com Marandola Jr. (2014c, p. 11). A partir disso, pode-se considerar que é pela paisagem que a geografia é desvelada de imediato. Diante do abismo, o que se apresenta ao homem é, portanto, a paisagem: espacialidade vívida, vitalidade de Terra e

mundo que o homem participa pelo sentir. Desse modo, a vertigem geográfica parece presentificar todo o pensar, concentrando toda a sensibilidade nesse instante: ela parece mesmo aterrar o pensamento, pois concentra todo o ser na paisagem que a ele se apresenta. Nesse sentido, o **vazio-preenchido-de-mundo** estava preenchido **de paisagem**: ligação sentida e que afeta o próprio sentimento de mundo, mistura existencial na qual vínculos podem ser adensados ou afrouxados.

Quando Besse (2015a, p. 104) propõe pensar o espaço como sentimento, traz a **paisagem enquanto espaço emocional ou tonal**: “Cet état, ou humeur, ou émotion, ou plutôt l’espace de cette tonalité, c’est un *paysage*”¹⁶. Espaço emocional que afeta o homem, a paisagem enquanto zona imediata da participação nossa ao mundo e da presença do mundo em nós, conforme continua Besse (2015a). Afetados, participamos à nossa maneira nas paisagens que estamos ou imaginamos, participação vivida como **sentimento geográfico**. O homem, jogado-no-mundo, desvela geograficamente o embate com a Terra, desvelar que emerge, de imediato, enquanto paisagem. Advinda de um sentir, a paisagem é desvelada enquanto sentimento de mundo: um modo **como** se reage à realidade geográfica imediata. Besse (2015a), numa perspectiva heideggeriana, pensa a **dimensão afetiva do habitar**, na qual **diferentes humores e estados-de-ânimo** dão certo **tom** à tonalidade afetiva que os espaços geográficos despertam no homem.

No mangue, um sentir intenso não me deixou indiferente à paisagem que, entusiasmado, encontrava. Pelo contrário, tal sentir trouxe todo o meu ser junto a ela, mistura que tomou conta de mim. Nesse sentido, parece razoável considerar a vertigem geográfica enquanto **experiência em direção ao anti-esquecimento** da condição terrestre: **misturado à paisagem, o homem tem**

¹⁶ Tradução livre: “Esse estado, humor ou emoção, ou, melhor, o espaço desta tonalidade, é uma paisagem”.

todo seu pensar voltado à geograficidade, ele reconhece que tudo a sua volta, de algum modo, lhe corresponde. Para tanto, conforme Marandola Jr. (2014c, p. 11), a experiência da paisagem dilui a relação sujeito-objeto, uma diluição “do corpo em alma, da mente em corpo, do corpo em objetos, dos corpos em outros corpos é a expressão da própria diluição do par epistemológico sujeito-objeto”. Desse modo, numa experiência de vertigem geográfica reside a possibilidade de desvelar a paisagem em seu caráter originário: tal experiência não emerge de um elemento subjetivo isolado da realidade geográfica, nem está fora do homem a espera de ser apreendida pelo olhar, mas a paisagem enquanto acontecimento que, pelo sentir, revela um modo como o homem encontra a Terra: a tonalidade que conserva em relação a ela. Segundo Besse (2015a, p. 105), a paisagem “nous traverse, il nous emplit, il s’installe en nous, nous touche, nous pousse, bref c’est une expérience que nous faisons, et qui nous affecte d’une façon ou d’une autre”¹⁷. Distraído, indiferente ou atento, o homem participa da paisagem porque está jogado-no-mundo e uma face desse jogo é geográfica: é ligação que vincula e desvincula o homem aos espaços geográficos, ligação vivida a partir de diferentes estados-de-ânimo e disposições, ligação atravessada pela paisagem, sentida de modo intenso numa vertigem geográfica. Sentir intenso que **lembra o homem de sua condição terrestre**.

É possível, agora, melhor esclarecer a vertigem geográfica enquanto **experiência de desmedida do mundo**: na experiência da vertigem a paisagem encontra-se diluída e então o homem encontra a Terra desmesurada, isto é, sem referências pré-estabelecidas. A paisagem lhe aparece sem medidas conhecidas, ela apela ao homem que estabeleça alguma medida, que reaja à circunstância. Mas, que medida é essa? Não parece haver fórmula e Heidegger

¹⁷ Tradução livre: “nos atravessa, ela nos preenche, ela se estabelece em nós, nos toca, nos impele, em suma, é uma experiência que realizamos e que nos afeta de uma forma ou de outra”.

(2006) colocou no poético, pois criador de sentidos, o caminho para tal busca. O que a vertigem geográfica parece mostrar, de modo mais latente, é ser uma experiência na qual, ao homem, é concedida uma possibilidade para religar-se às suas origens, no sentido de lhe dar condições para um reconhecimento de si mesmo. Momento privilegiado, a vertigem geográfica joga o homem **num abismo no qual a Terra aparece sem referências pré-definidas, pronta para ser medida com novos referenciais**: novos porque novidade trazida à consciência pela experiência, mas mais primitivos, pois referências sentidas antes de serem sistematizadas.

Diante do abismo, o homem salta.... Para onde? O que encontra?

“Saltamos e nos abandonamos”, escreve Heidegger (1999, p. 178), “Para lá onde já fomos admitidos: ao pertencer do ser”. Comum-pertencer entre homem e ser que é então trazido à luz. Pensado geograficamente, esse pertencimento remete à geograficidade: um salto em direção a si mesmo, em direção à condição terrestre. “O ser mesmo, porém, pertence a nós; pois somente junto a nós pode ele ser, isto é, pre-sentar-se”, registrou Heidegger (1999, p. 178) e na mesma página, pensou “salto no abismo [...] jogar-se no ser”. Ao saltar no abismo, o homem não encontra senão coisas do mundo que é, talvez coisas há muito esquecidas e distantes, mas a ele correspondentes. Nesse sentido, o homem pode aproximar-se de sua condição terrestre e reconhecer o caráter geográfico da existência: sua condição de ser-no-mundo. Em direção ao abismo ele salta e encontra a si mesmo, mas não uma subjetividade solipsista, não é um salto voltado apenas para si; ele salta no mundo, que aparece de imediato enquanto paisagem: salta e sente invadir a paisagem ao mesmo tempo em que é invadido por ela. A partir da paisagem, ele encontra a si mesmo. Tal encontro é uma correspondência, no sentido de que o que se descobre é uma geografia correspondente: “o pensamento descobre, encarando o presente, além da situação do homem, a constelação de ser e homem [...] a partir do acontecimento-apropriação”, escrevera

Heidegger (1999, p. 182). Diante do abismo e misturado à paisagem, o homem está diante da própria abertura do mundo, diante de uma Terra desmesurada, experiência que apela uma reação: Referências são paridas e então um mundo novo emerge.

Caminhos percorridos nesta dissertação agora se encontram.

A pergunta pela geosofia indicou que ela não é um conhecimento idealista, no sentido de estar fundado numa razão apartada da realidade geográfica. Para uma melhor compreensão, é preciso cultivar um pouco mais o pensamento de John K. Wright. Num texto de 1925, intitulado “The history of geography: a point of view”, embora não contenha a palavra geosofia, John K. Wright esclarece, um pouco mais, seu entendimento acerca do conhecimento geográfico. À época, ele escrevera que os geógrafos não levavam muito a sério o pensamento humano em relação ao ambiente terrestre, assim como a influência desse ambiente no pensamento, havendo a necessidade de a ciência geográfica explorar uma geografia do pensamento que, para ele, deveria preocupar-se em estudar as ideias geográficas enquanto fenômenos geográficos: **“the study of the history of geographical ideas themselves viewed as geographical phenomena”**¹⁸, de acordo com Wright (1925, p. 194, **grifos do autor**). Considerava o pensamento geográfico como o mais próximo dos fatos geográficos da superfície, pois pensamento diretamente responsivo ao ambiente geográfico. Nesse sentido, propôs uma história da geografia enquanto **história do pensamento sobre os fatos geográficos** e não enquanto história dos fatos geográficos eles mesmos. Conforme escrevera Wright (1925, p. 193, **grifos do autor**), **“geography here means geographical ideas”**¹⁹. Uma história das ideias geográficas sobre os fatos geográficos, uma narrativa da geografia enquanto orientação em relação ao mundo. Nesse sentido, a

¹⁸ Tradução livre: “o estudo da história das ideias geográficas elas mesmas vistas como fenômenos geográficos”.

¹⁹ Tradução livre: “geografia significa aqui ideias geográficas”.

vertigem geográfica, enquanto experiência marcante da existência, ocupa um lugar privilegiado em tal narrativa.

Uma história da geografia que é história do pensamento sobre os fatos geográficos, das ideias geográficas enquanto fenômenos. Eric Dardel não menciona John K. Wright em suas obras, mas no caminho desta dissertação eles se encontram: Que podem ser as ideias geográficas enquanto fenômenos geográficos? Dito de outro modo: qual o fundamento de tais ideias? Pode ser a geograficidade? Parece razoável considerar tal possibilidade. A compreensão de John K. Wright faz ressoar um caráter geográfico da existência, ele encara a geografia como um modo de pensar inerente ao homem. Um conhecimento emergido da ligação homem-terra. Acontecimento que implica num **modo de pensar tal acontecimento, tal fato geográfico**. As ideias geográficas enquanto fenômenos geográficos brotados da geograficidade, nesse sentido, constituem o sentido de geosofia aqui pensado. Para Wright (2014), a geosofia alude ao conhecimento geográfico que pode ser estudado a partir de qualquer ponto de vista. Mas por que pode ser estudado a partir de qualquer ponto de vista? O que une todos os pontos de vista e permite que eles sejam considerados válidos para estudarem o conhecimento geográfico? Dito de outro modo: o que há de comum no conhecimento geográfico? A condição terrestre. Pensada a partir da geograficidade, ela acontece enquanto um ligar-se e desligar-se em relação aos espaços geográficos, relação que destina o homem a pensar geograficamente os fatos geográficos da existência. A geosofia não é exclusividade dos geógrafos profissionais porque remete a um conhecimento fundado numa condição originária, porque ela é um conhecimento voltado a dizer sobre o modo **como** a realidade geográfica aparece ao homem. Nesse sentido, voltar-se a tal conhecimento é cuidar da própria existência, é pôr-se a pensar nas experiências marcantes enquanto caminho para melhor compreender o próprio habitar: “a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e

de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social”, pensara Dardel (2011, p. 6).

Com isso, é possível pensar no sentido de **senso terrestre** que Wright (2014) atribuíra à geosofia. Mas, para tanto, primeiro é preciso retornar e cultivar, um pouco mais, a noção de geograficidade, desta vez a partir de Jean-Marc Besse. Besse (2015a), propõe pensar que à geograficidade corresponde uma certa estrutura espacial originária, estrutura experienciada, sentida e que afeta a existência. Estrutura vivida geograficamente: “a realidade geográfica só é **para o homem**”, conforme pensou Dardel (2011, p. 8, **grifos do autor**), realidade que desperta sensações e sentimentos geográficos, orientações em relação ao mundo. Sentimentos que fazem da relação homem-terra não um ato neutro, pois, conforme destacara Dardel (2011, p. 49, **grifos do autor**), entre o homem e a Terra sempre transita “uma **interpretação**, uma estrutura e um ‘horizonte’ de mundo, um ‘esclarecimento’ que mostra o real no real, uma ‘base’ a partir da qual a consciência se desenvolve”. Entre o homem e a Terra, a geosofia enquanto **senso terrestre: interpretação emergida de sentimentos despertados pela realidade geográfica**, uma geografia em ato orientada por um **senso da geograficidade**.

Quem intenta pensar um **senso da geograficidade** é Besse (2015b, p. 19): um **senso** que articula a tensão entre um **aqui** e um **lá**, entre um **próximo** e um **distante**, entre uma **base** e um **horizonte**. A partir de tal proposição, e considerando a geosofia fundada na geograficidade, aqui se propõe pensar tal **senso da geograficidade orientado por referências geosóficas**, isto é, irrompidas de acontecimentos que originam um modo **como** se pensa o mundo que se é. Tal **senso**, e suas referências, brota de fenômenos geográficos cujas ideias geográficas não emergem apenas do homem ou da Terra, mas da relação originária que apenas um pensar fenomenológico tem condições de alcançar. Ideias geográficas feitas de sentimentos de mundo, brotadas em

experiências de diversas intensidades e sentidos, ideias orientadoras em relação ao mundo que se é.

Besse (2015a) propõe pensar quatro estruturas para a geograficidade, estruturas que seriam **condições transcendentais**, dados imediatos da existência e que abarcam a totalidade originária do mundo. Tais estruturas podem ser, a título de uma primeira apresentação, denominadas: 1) Senso de distância; 2) Senso de orientação/direção; 3) Senso de estrutura ou de situação; 4) Senso de grandeza. Eis os principais destaques de cada estrutura, a partir de Besse (2015a): 1) primeira e fundamental estrutura, o **senso de distância** diz respeito à separação-relação entre o aqui e o lá, bem como é nele que se abre a distinção entre um próximo ou um distante e abarca, por exemplo, a noção de intimidade; 2) Ligado ao espaço social e pessoal, o **senso de orientação e direção** trata de zonas de desejo e repulsão, zonas de medo e sedução, tanto no nível individual como no social, e é nesse senso que se pode pensar em direções significativas; 3) **Senso de posição ou de situação**, trata do sentimento de inclusão, de pertencimento aos espaços geográficos, é neste senso que a imagem poética da casa participa, como ato de religar-se ao lar (*home*) originário; 4) O **Senso de grandeza** remete ao sentimento de escala, de tamanho e dimensão do mundo, senso de grandeza existencial no qual o espaço expande ou contrai, ao nos atravessar em momentos de alegria ou depressão. A proposta desta dissertação é pensar essas quatro estruturas enquanto **referenciais geosóficos**, referências do conhecimento geográfico aqui nomeado **geosofia**. Tal conhecimento, emergido da geograficidade, orienta o homem em relação ao mundo, a partir de tais referenciais que, nesse sentido, compõem o **como** a Terra aparece ao homem, um **como** desvelado nas, segundo Dardel (2011, p. 47), “atitudes duráveis do espírito humano frente a frente com a realidade circundante e cotidiana, em correlação com as formas dominantes da sensibilidade, do pensamento e da crença de uma época ou de uma civilização”.

Eis que as palavras de Onfray (2015) neste momento irrompem e estabelecem uma correspondência fundamental do pensamento deste trabalho. Evocou Onfray (2015, p. 89) uma imagem encantadora: “A viagem como convite a desenharmos para nós uma rosa dos ventos”. Um pouco antes, na mesma página, ele escrevera que “nenhum ser humano se move no planeta sem um ponto de referência”. Uma rosa dos ventos íntima, mas sobretudo voltada ao mundo. Que orientação pode haver nessa rosa dos ventos? A proposta é pensar uma orientação ligada à geograficidade: **uma rosa dos ventos orientadora do senso da geograficidade**. A geografia, “não como conteúdo de saber, mas na dimensão de sentido que ela proporciona aos discursos e às ações em relação ao mundo”, conforme pensara Besse (2006, p. 83). Como pensar, fenomenologicamente, tal senso geográfico?

Pela **intencionalidade**, o princípio fenomenológico para compreender o pensamento sempre como fenômeno voltado a alguma coisa, a intencionalidade enquanto “acontecimento inicial da transcendência”, de acordo com Lévinas (1967, p. 177). A intencionalidade, condição essencial do ser-no-mundo, isto é, existir sempre em relação ao ser e aos outros seres e entes que se apresentam a cada momento, existência sempre voltada em direção a entes e seres que compõem mundos vividos. “A presença ‘intencional’ do objecto na consciência pressupõe uma correspondência de tipo original entre as formas do ‘fazer aparecer’ e o ‘sentido que aparece’”, afirmou Lévinas (1967, p. 176). Geograficamente, pode-se pensar a frase acima a partir da geograficidade: o desvelamento do embate terra-mundo, enquanto possibilidade de fazer aparecer uma realidade geográfica à consciência; e a partir da geosofia: orientação que dá sentido para tal desvelamento. Parece mesmo haver um **caráter geográfico da intencionalidade**: caráter que ata geograficidade e geosofia e permite cultivar a imagem de uma **rosa dos ventos** íntima e intersubjetiva, cujas direções, tais quais as *terrae incognitae* que pensara John K. Wright, habitam as mentes e os corações dos

homens. Besse (2015a, p. 111), ao pensar sobre a segunda estrutura do senso da geograficidade, a de **orientação** e **direção**, dota os pontos cardeais de valores sociais e de força imaginária: “zones de désir ou de répulsion, des zones de peur et de séduction pour les sociétés comme pour les individus”²⁰, em contraposição à noção matemática que prevalecem em relação aos pontos cardeais. Nesse sentido, no intuito de dotar de vivacidade a rosa dos ventos orientadora da geograficidade, tais referências geosóficas são aqui nomeadas **pontos cordiais**.

O termo cordial fora emprestado de Sérgio Buarque de Holanda, quando, pensando as “Raízes do Brasil”, expôs o pensamento acerca do homem cordial. Não se pretende, com isso, relacionar o pensamento de Sergio Buarque, em relação ao homem cordial, com a discussão desta dissertação. O que se deseja é enfatizar que o senso da geograficidade é orientado por referências emergidas do coração, por isso o nome pontos cordiais. Para que não reste nenhuma má compreensão do termo, Holanda (1995, p. 205, **grifos do autor**) explicou que o termo cordial não sugere “juízos éticos” nem “intenções apologéticas” que falam em “bondade ou em homem bom”, não há, nesse termo, nenhuma alusão exclusiva a “sentimentos positivos ou de **concordia**”. Antes de tudo, o **sentido de cordial**, esclarece Holanda (1995, p. 205), é remeter às coisas que “nascem do coração”. Desse modo, nomear de pontos cordiais as referências geosóficas orientadoras em relação ao mundo é destacar a vitalidade do conhecimento geográfico. Wright (2014), por sua vez, mencionara a presença de uma **libido geográfica** em relação à Terra. A partir disso, se pode imaginar: **atração magnética orientada por sentimentos geográficos**. E eis que surge uma divagação: que pode ser uma Geografia cordial?

²⁰ Tradução livre: “zonas de desejo ou de repulsão, zonas de medo e de sedução, para as sociedades e para os indivíduos”.

O sentido de abismar iniciático que a experiência do mangue tem para mim reside no reconhecimento de minha condição terrestre, reconhecimento que é, também, um começar a existir: novas referências estabelecidas pelos pés afundados na lama e pelas vísceras em efervescência, aproximação com o meu próprio senso da geograficidade. Paisagem que se abriu enquanto abismo no qual fui jogado, saltei e encontrei a mim mesmo, no mundo. O mangue invadiu todo o meu corpo e todo o meu pensar, pareceu concentrar toda a intencionalidade naquele instante: experiência da paisagem presentificada. A lama pareceu atingir meu coração, que bateu mais forte e fez ecoar, por todo o corpo, os novos ventos que chegaram anunciando que um mundo novo brotou: na lama, pari geograficamente ideias geográficas enquanto fenômenos geográficos. Nesse sentido, a geosofia pode ser vista enquanto conhecimento geográfico constituído de uma rosa dos ventos cujos pontos, cordiais, fazem pulsar uma geografia vívida, orientadora em relação ao mundo que se é. Um pulsar orientador de modos de ser-e-estar-no-mundo. É preciso tentar narrar as histórias emergidas de tais referências e, desse modo, conseguir nomear sentimentos geográficos. Por quê? “É preciso contar-se para nascer”, escreveu Serres (2015, p. 33).

22. O sol aquece o mangue. Dotar de vitalidade o **conhecimento geográfico** pensando-o a partir de **pontos cordiais**, a saber, de referências vívidas que orientam um **mundo vivido geograficamente**: sentimentos de distâncias íntimas e incógnitas, de desejos, medos e seduções, sentimentos de pertencimento ou exclusão, de escala e de grandezas de mundo. A palavra sentimento quer, aqui, enfatizar: não um mundo geométrico, mas geográfico. **Referências geosóficas** vividas enquanto **fenômenos geográficos**, fenômenos que fazem emergir ideias geográficas, **ideias fundadas da geograficidade**. Como narrar tal **história geográfica**? Pode-se pensar em **viagens** realizadas, **momentos marcantes da existência**, tal qual a experiência de **vertigem geográfica**: experiência de ser invadido pela paisagem, num misturar que **joga o homem num abismo**, abismo de um vazio insólito, não oco, mas **preenchido de paisagem**. Nesse abismar, o homem depara-se com sua própria **condição terrestre**, que parece **apelar por uma reação**: a **realidade geográfica** está desmesurada e é preciso estabelecer uma **medida apropriada**. Tanto a experiência de vertigem geográfica, como o ato de narrar tal experiência, resguardam um **sentido de aterramento do pensar**: uma apropriação dos **sentimentos geográficos** que cada homem estabelece enquanto **mundo** que é.

23. Pontos cordiais foi o nome encontrado para dotar de vitalidade as **ideias geográficas** e, desse modo, cultivar e deixar florescer o pensamento de Wright (1925), que propôs tais ideias enquanto fenômenos geográficos. Sobre a fenomenologia, Heidegger (2012, p. 101, **grifos do autor**) escrevera: “A expressão ‘fenomenologia’ tem a significação primária de um **conceito-de-método**. Não caracteriza o quê de conteúdo-de-coisa dos objetos da pesquisa filosófica, mas o seu **como**”. Um **como**. A **geosofia** enquanto conhecimento geográfico alude a um **como** a realidade geográfica aparece ao homem, “orientação em relação ao mundo” conforme Besse (2006, p. 83) pensou. Geosofia enquanto **conhecimento fenomenológico** pois alusivo à interpretação intrínseca à relação homem-terra enquanto um **como**. Desse modo, a geosofia emerge enquanto um “conhecimento-de-mundo”, no sentido que Heidegger (2012, p. 191) atribuiu ao verbo conhecer: “um modo-de-ser do *Dasein* como ser-no-mundo e o conhecer tem sua fundamentação ôntica nessa constituição-de-ser”. Não um conhecimento meramente contemplativo ou especulativo, mas fundado no modo de ser-e-estar-no-mundo, uma interpretação no sentido de ser um “fluxo compreensivo-interpretativo da vivência”, conforme analisou Seibt (2012). De acordo com Heidegger (2012, p. 191), “deve-se estabelecer então que o conhecer é ele mesmo previamente fundado em um já-ser-junto-ao-mundo que constitui essencialmente o ser do *Dasein*”. Jogado no mundo, o homem reage, a todo momento, sem necessariamente enunciar tal reação, tal postura, pois ela é a própria condição terrestre, a própria geograficidade. Tal postura, pensada enquanto geosofia, orienta-se por **referências geosóficas**, pensadas aqui a partir do **senso da geograficidade** proposto por Besse (2015a). Não se deve pensar que tal interpretação é algo realizado *a posteriori* por um sujeito apartado de objetos que o circundam, porque tal interpretação pertence ao próprio acontecimento que a geograficidade alude. Eric Dardel, ao pensar a geograficidade, indica que ela é “uma ontologia regional da espacialidade humana, referida ao nosso mundo perceptivo [que] deve ser denominada **geografia**” em oposição a “uma

ontologia formal dos objetos espaciais deve ser chamada de geometria”, esclarece Holzer (2011, p. 151, **grifos do autor**). É nesse sentido que se pensou, aqui, em pontos cordiais: para dar ênfase à distinção entre espaço geométrico e **espaços geográficos**, espaços **sentidos à flor da pele**.

24. Passo que abre caminhos rumo à florescência. Xavier de Maistre (2009) realizou, por volta de 1794, uma viagem em torno de seu próprio quarto, percorrendo a cama, poltrona, escrivaninha, divagando sobre retratos e roupas de cama, por exemplo. Logo na página inicial, Maistre (2009, p.25) afirma: “Meu coração experimenta uma satisfação inexprimível quando penso no número infinito de infelizes aos quais ofereço uma fonte segura contra o tédio e um alívio para os males que suportam”. Contra o tédio, a viagem. Mas, como é possível viajar ao redor do próprio quarto? Sem sair de casa? Qual o sentido de tal viajar? Alain de Botton (2009, p. 238) sugere um: “o prazer que extraímos das viagens talvez dependa mais do estado de espírito em que viajamos do que do destino”. Tal espírito, segundo o autor, tem relação com a sensação de que consideramos conhecer muito bem a realidade na qual moramos, seja o quarto, a casa, até mesmo o país. De Botton (2009, p. 238) pensa que “Estamos convencidos de ter descoberto tudo o que é interessante numa vizinhança basicamente por ter vivido ali durante muito tempo”. Xavier de Maistre, desse modo, além de indicar a possibilidade de uma viagem sem custos, pois o necessário é apenas o quarto onde se dorme, provoca a pensar uma viagem sem escalas: o necessário não é exatamente viajar quilômetros e mais quilômetros para viajar, mas sobretudo o que importa é a tentativa de olhar a realidade com outros olhos, seja uma realidade distante seja o nosso próprio quarto ou casa. Dito de outro modo: a experiência do viajar depende do quanto se cultiva a relação conhecido-desconhecido, isto é, o quanto pulsa, no pensar, as *terrae incognitae*. Entretanto, não se pode, a partir disso, considerar que a experiência de viagem dependa apenas do viajante, pois não se deve ignorar que são as paisagens percorridas, os lugares e territórios estabelecidos, que revelam a própria situação do homem que se põe a caminho.

A partir de tais considerações e olhando para o caminho percorrido nesta dissertação até agora, considero que a viagem aqui realizada não se deu

exatamente enquanto ato de sair de casa e percorrer paisagens. Por abismos, casas e mundos, o que se tem é uma viagem em direção à natureza do conhecimento geográfico a partir de uma meditação acerca do ato de viajar. É nesse sentido que a estrutura aqui proposta alude às raízes do mangue vermelho um dia percorrido na Ilha do Cardoso, raízes submersas e emergidas que formam um emaranhado que sustenta os caules dos mangues e, a partir disso, permitem que brotem folhas, flores, frutos e sementes. Demorando-se cuidadosamente na experiência no Cardoso, esta dissertação buscou suas próprias origens que, cultivadas, permitiram o desenvolvimento de um corpo-tronco no qual se pôde desenvolver um sentido para a experiência de vertigem geográfica assim como para a geosofia. Até aqui, portanto, o que se tem são raízes e caule, prontos para florescerem. A vertigem geográfica, enquanto experienciar a Terra desmedida, apela para que novos caminhos sejam percorridos **poeticamente**.

TERRAS DESMEDIDAS, CAMINHOS INCÓGNITOS

sujeito à ação das marés e banhado por águas doces e salgadas, o mangue alude à fertilidade da fauna marinha, dele florescem folhas lisas e espessas e também caranguejos com cérebro. Sujeito aos mistérios e encantos dos caminhos e envolto numa atmosfera ambígua de abismos e abrigos, sopros geosóficos sussurram caminhos em direção a um mundo renovado.

25. Geosofia, soprar caminhos. A geosofia enquanto conhecimento geográfico que desvela a geograficidade. Para tal desvelar não há caminhos pré-estabelecidos, é preciso aterrar o pensamento, afundar na Terra, para que de um solo originário emergjam narrativas fenomenológicas de geografias primitivas. Narrativa autóctone? Tal qual a lama do mangue exige dos pés uma força para desatolar, uma geografia primeva apela para que palavras e sentimentos sejam cuidadosamente pensados e nomeados, não enquanto ato banal de dar nome às coisas, mas como um ato fundamental: fundador de vínculos geográficos. Tal qual as águas das marés sobem e descem, encharcam e secam o mangue, a geosofia parece ser feita de sopros telúricos que mantêm mais acesos ou mais apagados os vínculos geográficos: pontos cordiais que sentem o pulsar da realidade geográfica e, a partir de um senso da geograficidade, dão tonalidade afetiva ao mundo vivido geograficamente.

“Viajando pelo mundo inteiro e procurando sempre **arejar o espírito**

com as **correntes de pensamento sopradas em tôdas as direções**, mesmo assim,

nunca deixamos de nos sentir como um provinciano, com o espírito e o sentimento **impregnados da substância da terra da província**” (CASTRO, 1959, página 7, **grifos nossos**)

26. Terras desmedidas: a experiência da vertigem geográfica aproxima o homem de sua condição terrestre, a Terra já não aparece a partir de referências conhecidas. Tal homem encontra-se num abismo e está mais próximo de pensar junto à geograficidade, pois a relação sujeito-objeto está diluída. Precisa, esse homem, estabelecer novas medidas, isto é, ir ao encontro de medidas que lhe sejam correspondentes. São **caminhos incógnitos** que ele encontra. Reconhece que é preciso construir o próprio caminho, para enfim estabelecer tais correspondências. Ele sente que a experiência da vertigem geográfica o fez abandonar referências conhecidas e isso ele não lamenta, as deixa morrer. Quer renascer e criar novas referências para o mundo que é. Sabe que esta não é uma tarefa banal, pelo contrário, ela emerge enquanto fundamental: uma questão de sobrevivência. Diante de tal abismo, sente-se um tanto atordoado, sente que tal abismo o perturbava e fez irromper um medo por todo o seu corpo. Sabe que precisa reagir e que, para tanto, necessita agir junto ao coração, a fim de ter a coragem de desvelar direções primitivas. Caminhando, depara-se com um fragmento, no qual é possível ler: “Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza a um novo solo. Neste solo a criação de obras imortais poderia lançar novas raízes”. É de Heidegger (2000, p. 27). A partir de tal leitura, o homem medita: para que tal serenidade possa nele despertar, é preciso soprar a flauta de sua própria existência, controlar o jogo da vida, narrar o mundo que é.

27. “A ideia de viajar nauseia-me / Já vi tudo que nunca tinha visto / Já vi tudo que ainda não vi” escreveu Fernando Pessoa (2006, p. 143). Ao invés de alívio, náuseas. Se tudo fora da casa parece igual, por quê sair? Na mesma página, o autor afirma que “Só não há tédio nas paisagens que não existem”. Certa indiferença, em relação aos espaços geográficos, parece ecoar de tais versos, pois tais espaços ressoam como tediosos ou até mesmo insignificantes. Será isso mesmo? Por sua vez, A. mostrou o desejo de viajar e habitar temporariamente outras realidades geográficas para nelas fazer coisas que não costuma fazer em casa. Parece ele necessitar de uma viagem para poder ser outro. Nesse sentido, para A. o ato de viajar não é indiferente, como bem mostram suas entranhas. O viajante revelado por A. está próximo do sonho de viagem enunciado por Jean Grenier (2009, p. 97, **grifos do autor**): “Eu sonhei muito em chegar sozinho numa cidade estrangeira, só e desprovido e tudo. Eu teria vivido humildemente, miseravelmente mesmo. Antes de tudo eu teria guardado o **mistério**”. Hermann Hesse (1982, p. 7), ao narrar sua viagem “Desde la India”, revela uma libido geográfica que o levou a querer percorrer distâncias, a sair de casa: “Tener una patria es bueno, / es dulce la modorra bajo el propio techo, / niños, jardín, perro. Pero, ay, / apenas has reposado del último vagabundeo, / cuando la distancia ya renueva sus seducciones”²¹. O escritor alemão não se satisfaz com o repouso da casa, ele deseja dormir sob um céu repleto de estrelas, sente-se atraído para lançar-se no mundo e, a partir disso, construir sua felicidade, conforme Hesse (1982, p. 7) reconhece: “Yo prefiro buscar y nunca encontrar, / [...] / Pues aun siendo feliz puedo ser únicamente un convidado / y nunca un ciudadano de la

²¹ Tradução livre: “Ter uma pátria é bom, / é doce o sono sob o próprio teto, / crianças, jardim e cachorro. Mas, ah, / havia apenas repousado da última vagabundagem, / quando a distância já renovara suas seduções”.

tierra”²². Sentir-se convidado a percorrer paisagens, e não dono de terras que exigiriam sua presença diária.

Pensando a relação casa-universo, Bachelard (2008, p. 74, **grifos do autor**) afirma que “No oposto da casa natal trabalha a imagem da **casa sonhada**”. A casa sonhada por Hermann Hesse o leva a percorrer paisagens e a traçar caminhos, embora levando consigo seu coração: ele não hesita viajar rumo ao Oriente em busca de si mesmo e não lamenta o ato de abandonar a casa. Também para A. a casa sonhada o apela para que viaje, para cruzar mares e oceanos rumo ao Egito. Tal apelo, no entanto, é sentido visceralmente e revela que para A. abandonar a casa é tarefa vivida intensamente. O sonho de Jean Grenier revela o desejo por manter em aberto o mistério do mundo que se é, a vontade de experienciar temporariamente a possibilidade de estar na condição de estrangeiro e de cultivar tal situação. John Wright (2014), meditando um sentido para as *terrae incognitae* a partir da consideração de que todo o planeta já fora mapeado pelos satélites, aludiu ao **Canto das Sereias** para pensar os encantos que cada homem deve buscar ouvir para dar vazão à própria imaginação e, nesse sentido, pensar e narrar um mundo encantado e fascinante. Wright (2014, p. 12) afirma que as Sereias “apelam para o artístico e poético que vive dentro de muitos de nós”. Desse modo, parece necessário considerar que tal canto seja relativo a cada mundo, isto é, não há apenas um canto para todos os homens, mas o que há é que todos os homens têm o seu canto correspondente. Até o viajante enunciado por Fernando Pessoa? Sim. Meditando e apurando o sentido para os versos que escrevera sobre o viajar enquanto ato que lhe desperta náuseas, o escritor português revela, na verdade, uma alta sensibilidade em relação aos espaços geográficos. Consequentemente, tal sensibilidade é intensificada durante uma viagem. Conforme Pessoa (2006, 143) reconhece, “aos que

²² Tradução livre: “Eu prefiro buscar e nunca encontrar, / [...] / Pois ainda sendo feliz posso ser apenas um convidado / e nunca um cidadão da terra”.

pensam e sentem, aos que estão despertos, a horrorosa histeria dos comboios, dos automóveis, dos navios não os deixa dormir nem acordar”. A náusea, nesse caso, não parece fundada numa relação de indiferença, mas, ao contrário, ela emerge de uma geografia sentida à flor da pele. Para quem tal sensibilidade se faz presente, como no caso de Fernando Pessoa, um pequeno deslocamento pode ser mesmo uma grande viagem, conforme reconhece Pessoa (2006, p. 144): “Quando se sente de mais, o Tejo é Atlântico sem número, e Cacilhas outro continente, ou até outro universo”. Nesse sentido, viajar enquanto ato de criar geosofias pode ser compreendido a partir da sensibilidade que se tem para com o Cantos da Sereias. E, residindo tal sensibilidade nos pontos cordiais, é possível reconhecer a relatividade, pensada por Wright (2014), das *terrae incognitae*.

28. O andarilho anunciado por Nietzsche (2005, p. 271) não considera a existência de um final a ser encontrado para o homem que se põe a caminho de uma jornada: “Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois ela não existe”. Se não existe uma meta final, que pode ser a busca de tal andarilho? A partir da geosofia, propõe-se aqui pensar um sentido para tal busca: um esforço de narrar a existência a partir de pontos cordiais, esforço emergido da necessidade de cultivar e narrar experiências viageiras. Para quê? Para resistir à rigidez de um pensamento no qual uma razão apartada do mundo prevalece e uma pretensa neutralidade do pensamento é desejada. Em contraposição a tal desejo, Dardel (2011, p. 97) escrevera: “Resistindo ao espírito do pensador que, em nome de uma razão muito rígida e muito imperiosa, entorpece nossa liberdade espiritual”, isto é, em direção à resistência de um pensar distanciado da condição terrestre, “salvaguardamos, com a poesia ou simplesmente com um pensamento livre, a fonte em que se revigora sem cessar nosso conhecimento do mundo exterior”. Percorrendo o caminho da poesia ou então em direção a um pensamento livre, o andarilho pensado por Friedrich Nietzsche alimenta-se do próprio caminhar e o realiza enquanto ato que irrompe novas medidas de mundo, revigora as referências que o orientam em relação ao mundo que é. A geosofia enquanto necessidade emerge dessa busca por um revigoramento constante do conhecimento geográfico ou, dito de outro modo, a geosofia enquanto necessária para liberar o espírito de um pensamento demasiadamente racionalista e orientá-lo em direção às origens do mundo que se é.

Esforço, cuja meta final é inexistente, a geosofia enquanto narrativa fenomenológica da geografia parece albergar a tensão entre o inspirar e o expirar, entre o **nascer** e o **morrer**. Michel Serres (2015, p. 11) afirma mesmo que “A transformação de uma vida em narrativa passa por essa experiência

da morte, por esse afastamento vertiginoso [...] pela ressurreição”. Se por um lado, é preciso contar-se para nascer, para que de tal narrativa emerjam novas referências e medidas de mundo, por outro lado é preciso deixar morrer antigas referências e medidas. Em relação à geograficidade, tal relação entre nascer e morrer parece aludir aos vínculos geográficos estabelecidos ao longo da existência: para que novas ligações geográficas sejam estabelecidas é preciso abandonar outras, é preciso desligar-se daquilo que entorpece a liberdade do espírito, a fim de ressurgir como algo novo. Fulguração do se, parto geográfico! Nesse sentido, o esforço por narrar tal história geográfica emerge em direção àquilo que se deseja ser: narrar enquanto viajar, viagem cuja meta é a construção do próprio caminho, um caminho no qual percorre-se em direção à própria casa.

29. Caranguejos com cérebro ou sopro aforístico I. Caranguejos com cérebro é o nome do Manifesto *Manguebeat* que nasceu em meados da década de 1990, criado por habitantes do Recife incomodados com a cidade, à época considerada a quarta pior do mundo para se viver. Entre outras referências, escreveram letras de músicas a partir da leitura de Josué de Castro (2003), sobretudo do romance “Homens e Caranguejos”. A imagem símbolo do manifesto é uma antena parabólica fincada na lama: a partir da realidade geográfica onde se mora, entrar em contato com o mundo. Não abandonar as raízes, mas também não deixar que elas imobilizem a existência. Tal manifesto parece assim como um sopro geosófico alimentado pela lama dos homens-caranguejos, emergido da província, **desvelado por um pensar voltado à casa**. A lama, nesse sentido, emerge como insurreição, irrompe enquanto resistência a uma realidade precária, lama cultivada e narrada e cujos frutos pensam e criam outros mundos possíveis. No trecho de uma música da banda Chico Science e Nação Zumbi, uma das referências de tal movimento, se pode ouvir, ao som de alfaias, bumbos e guitarras, origens e desejos: “Trago as luzes dos postes nos olhos / Rios e pontes no coração / Pernambuco embaixo dos pés / E minha mente na imensidão”.

30. Sopro aforístico II. Sim, ela me olhava. Uma garota, penso eu não mais que dez anos, na janela, ao lado da mãe, esta ao meu lado. Eu no meio, pés apontados para o corredor. Estávamos nos últimos bancos, quando percebi que ela me olhava, cabeça e pescoço inclinados para desviar do corpo da mãe, olhos pretos assim como as sobrancelhas, que eram grandes, braços cruzados na altura da barriga, o que parecia denunciar certo ar inquiridor. A boca fechada e um tanto carrancuda fez intensificar tal atmosfera inquiridora. Estava séria, mas não parecia brava, quase sisuda, com um olhar interrogativo que, por sua vez, não era exatamente antipático. Talvez curiosa? Parecia mesmo era ter visto em mim alguém estranho. Ou algo estranho? Não havia muito que estava no ônibus. Havíamos entrado em uma pequena avenida, sendo que na esquina, ônibus fazendo a curva, vi no muro do outro lado da rua desenhos e frases alusivas à Copa do Mundo de 2014: a bola, os jogadores, o estádio do Corinthians e nele escrito *Welcome to Brazil*. Lembro-me de tido um leve incômodo pelo fato do nome do Brasil estar em inglês, um incômodo que me fizera pensar, embora de modo superficial, a princípio, qual grafia haveria de ser a correta nesse caso. Adotar o inglês para adequar aos visitantes ou manter o português para... para quê? Por quê essa vontade de firmar e afirmar uma identidade nacional? Claro, a grafia é coerente com o restante da frase... mas haviam duas frases, idênticas... para quem é o desenho? Mas afinal, por que queria eu que Brasil estivesse com s e não com z? Após o muro, meus olhos encontraram com os dela. Demorei-me um pouco neles, mas logo desviei para frente na direção do corredor. De súbito, um frio bem leve na barriga atravessou-me e então me veio a palavra estrangeiro. Será que ela identificou que não sou daqui? Me dei conta que estava longe de onde moro, estava, para mim, nas bordas da cidade, periferia até então desconhecida, passando por um bairro com pouca infraestrutura, com ruelas que pareciam levar a moradias precárias e ruas sem asfalto. Quem eram aquelas pessoas, que moram na mesma cidade que eu e que não vejo? Não causou medo nem incômodo tal sensação de estranhamento, na verdade

permitiu pensar que o termo estrangeiro carrega, em si, o pressuposto da circunstancialidade. Para além de uma definição geopolítica baseada no Estado-nação, o que se pensa aqui é a manifestação da sensação de estranhamento. Onde nos sentimos mais em casa? Onde nos sentimos mais sem referências, enquanto pessoas de fora? Paulistanos podem ser chamados de locais, tal qual são chamados os caiçaras, por exemplo? Estar-estrangeiro. Que, de mim, gerou estranheza nela? Que, dela, a fez me estranhar? Um gesto? Uma roupa? O cabelo? A voz de quando entrei no ônibus e confirmei com o motorista se passava no Parque do Carmo? Ou nada disso, simplesmente ela olhava, sem saber muito bem o porquê, indiferente se estava voltada para um lado ou para outro? Olhei novamente para ver se ela me olhava, por um momento não, mas rapidamente num outro sim, ela olhava, novamente aqueles olhos fixados em mim. Não fez questão alguma de esconder que me olhava. Olhei de volta, demorei-me um pouco mais, mas depois despistei, não consegui me ater a eles, estavam fortes e também não queria que a mãe percebesse, vai saber o que iria achar. A garota não parecia espantada nem assustada, tampouco amedrontada. Curiosa? Talvez, mas então uma curiosidade com um leve tempero interrogativo, para ser mais fiel. De repente, desci. Avistara o Parque do Carmo e num ímpeto me levantei, apertei o botão e logo era o ponto. Ainda tive tempo de me virar, eu na calçada, o ônibus prestes a sair. Vi que sim, ela me olhava.

(fragmento extraído do diário de uma viagem a Itaquera, bairro da cidade de São Paulo)

31. Sopro aforístico III: “Quando o português chegou / Debaixo duma bruta chuva / Vestiu o índio / Que pena! / Fosse uma manhã de sol / O índio tinha despido / O português”. O poema “Erro de português”, de Oswald de Andrade (1991, p. 95), escrito em 1925, atrai, faz pensar que aterrar o pensamento é preciso. O oceano desbravado por Colombo estava diante de seus olhos, diante dos olhos de todos os homens interessados, à época, em conquistar o que haveria de ter para além daquelas águas e daquele horizonte. Que seriam dos antigos habitantes que, nas terras hoje chamada América, viviam antes da colonização? A pergunta não pretende estender-se no sentido de fantasiar hipóteses. Pergunta-se a fim de cultivar um pensar voltado ao autóctone. Tal pergunta não pretende ser aqui respondida, ela é apenas um sopro a provocar pensamentos possíveis. Se for razoável aceitar que a colonização ocasionou um enfrentamento de distintos modos de habitar e que tal acontecimento significou a hegemonia de um modo sobre outros, pensar em enfrentar tal situação parece exigir um voltar-se às origens daquilo que se é, a fim de se conseguir pensar e percorrer caminhos novos. Fazer emergir um mundo novo, advindo de uma história contada geosoficamente. Em direção à descolonização, ou melhor, em direção ao autóctone, é preciso navegar por outras estradas, talvez mais encobertas que as que outrora naus e caravelas desvelaram. Se antes navegar fora preciso, talvez hoje seja possível pensar que aterrar é preciso: aterrar o pensamento no sentido de melhor cuidar dos vínculos geográficos que o “povo novo”, conforme Darcy Ribeiro (1995, p. 19) nomeou o brasileiro, tem estabelecido ao longo dos tempos. Um povo novo, ainda se fazendo, ainda em aberto para ser inventado. Não se trata de negar a roupa cultural que portugueses e outros trouxeram, mas justamente de rasgá-la e, a partir de seus retalhos, tecer algo novo, inventar um estilo próprio. Que seria, nesse sentido, uma **geosofia antropofágica**?

32. *Ceci n'est pas une carte.* Como saber se este trabalho é fruto daquilo que se queria desde seu início? Mas, o que se queria desde o início, apresentava-se de modo claro e evidente? Desde o início já se tinha tudo o que se pretendia? O que parece haver, na verdade, é que não há como precisar um início, mas origens, raízes que vieram a compor o tecido que estas linhas urdem. Entretanto, dentre tantas raízes e caminhos a serem escolhidos e cultivados a fim de tornarem-se textos, foi preciso escolher alguns e abandonar outros. No caso desta dissertação, foi preciso abandonar a palavra **mapa** para se conseguir pensar a relação entre conhecimento geográfico e viajar. Explico: o título do exame de qualificação, do que viria a ser esta dissertação, foi “Mundos em movimento: atlas de geosofias cartográficas do viajante”. Lutou-se para não pensar os mapas cartesianos de um atlas escolar, para que imagens vistas de cima não preenchessem todo o pensar, para sentir-se liberto de um pensamento geométrico. Houve o desejo de dar, à palavra mapa, a vitalidade própria da realidade geográfica, mas isso não rendeu frutos. Abandonou-se a palavra e outros caminhos foram escolhidos. Por mais que se tenha lido alguns trabalhos sedutores acerca de cartografias não-cartesianas, preferiu-se não usar a palavra cartografia neste trabalho, pelo mesmo motivo da palavra mapa. Parece que algumas viagens foram destinadas a permanecer inalcançáveis. Quem sabe um dia... Em último caso, deixo com o leitor uma escolha, caso esteja disposto a fazê-la: dizer se este trabalho pode ser ou não um mapa. **Se é possível lê-lo trocando a palavra narrativa pela palavra cartografia.** Assim, tal qual Brás Cubas o fez ao narrar suas memórias póstumas, quando deixou em aberto se elas seriam ou não um romance, compartilho uma possibilidade. Com isso, o leitor poderá ser, também, autor desta obra e, de algum modo, habitá-la.

Prestes a viajar, a casa muda sua tonalidade,

parece mesmo seduzir.

Uma ligeira sensação de não querer mais deixá-la, um certo cansaço, de ter que dormir em outras camas, de acordar noutras paisagens, nas quais certamente serão exigidos outros afazeres,

outras posturas corporais. Sente-se uma preguiça antiga e experimenta-se uma variedade de sensações: a saudade do sofá que agora é contemplado, certa culpa pelo abandono dos gatos e das plantas, um incômodo de não ter mais a cozinha que tanto aquece as noites

indiferentes, o desconforto de um outro banheiro. Parece haver nostalgia de abandonar a si mesmo, porque o que agora aparece, e o que se abandona, não é qualquer casa, mas aquilo que, familiar, permite um reconhecimento de si.

O que se abandona são as referências de mundos até então conhecidos e percorre-se caminhos incógnitos. Há medo, e ele parece nos colocar diante das raízes daquilo que somos. Noutro instante, porém, tal medo mais parece um absurdo. Não há nada disso, até ontem estava-se entediado, dizia-se que os dias todos pareciam domingos, domingos monótonos e melancólicos.

Domingos eternos. Queria-se outras janelas, outras luzes e quartos, outros cheiros e sabores, queria-se outro tudo, desde que essas outras coisas não trouxessem lembranças da casa.

Queria-se ser outro, não aguentava mais as mesmas paisagens e os mesmos ritmos, não suportava mais o mesmo horizonte. Queria-se desmedir a mesmice, livrar-se da exatidão das coisas. Desejava-se misturar às coisas do mundo. Pensara que, quando voltasse, afinal, seria possível conferir o que, da casa, haveria de ter permanecido.

Prestes a abrir a porta da casa, sente-se que é preciso ter coragem e agir, diante de tal angústia.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. **O Santeiro do Mangue e outros poemas**. – São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1991. – (Obras completas de Oswald de Andrade)
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros; v. 4)
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. (tradução Antonio de Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAILLY, Antoine, SCARIATI; Renato. **Voyage en Géographie**. Paris: Anthropos, 1999.
- BERNAL, Diana Alexandra. **A rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo**. 2015. 109 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. (tradução Vladimir Bartalini) São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 111-139.
- BESSE, Jean-Marc. Géographie psychique: Notes sur l'espace comme sentiment. Luna, Toni; Valverde, Isabel (dir.). **Paisaje y emoción: El resurgir de las geografías emocionales**. Barcelona: Observatori del Paisatge de Catalunya; Universitat Pompeu Fabra, p. 97-114, 2015a.
- BESSE, Jean-Marc. Autour de *L'homme et la Terre* d'Eric Dardel. Luna, Toni; Valverde, Isabel (dir.). **Paisaje y emoción**. El resurgir de las geografías emocionales. Barcelona: Observatori del Paisatge de Catalunya; Universitat Pompeu Fabra, p. 11-20, 2015b.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. (tradução Neide Piran, Antonio Christofolletti) In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 165-193.
- BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. (tradução Leticia Pádua). **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, Verão 2015.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. (tradução Diogo Mainardi) Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. 2. ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

- CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CESAR, Constança T. M. A viagem como peregrinação e ascese em Dalila Pereira da Costa. PIDCC – **Revista de Propriedade Intelectual** – Direito Contemporâneo e Constituição, v. III, p. 458-465, 2014.
- DAL GALLO, Priscila Marchiori. **A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em "Out of Africa"**. 2015. 97 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE BOTTON, Alain de. **A arte de viajar**. (tradução Clóvis Marques) Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- DE PAULA, Fernanda. Sobre geopoéticas e a condição Corpo-Terra. **Geograficidade**, v.5, Número Especial, p. 50-65, Primavera 2015.
- GRENIER, Jean. **As ilhas**. (tradução Aimeé Amaro de Lolio) São Paulo: Perspectiva, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. O princípio da identidade. In: HEIDEGGER, Martin. **Os pensadores**. (tradução Ernildo Stein) São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 173-183.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. (tradução Maria Madalena Andrade e Olga Santos) Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. (tradução de Rubens Eduardo Frias) São Paulo: Centauro, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. (tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Chuback) Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: **Sobre a questão do pensamento**. (tradução Ernildo Stein) Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a, p. 65-84.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à filosofia**. (tradução Marco Antônio Casanova) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009b.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. (tradução Fausto Castilho) Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **O acontecimento apropriativo**. (tradução Marco Antônio Casanova) Rio de Janeiro: Forense, 2013.

- HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. (tradução Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Silva, Vítor Moura, João Constâncio) 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 5-94.
- HESSE, Hermann. **El caminante**. Espanha: Editorial Bruguera, 1980.
- HESSE, Hermann. **Desde la India**. Espanha: Planeta (Colección Ensayo), 1982.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLZER, Werther. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 141-153.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose / e / O veredicto**. (tradução de Marcelo Backes) Porto Alegre: L&PM, 2015.
- KEIGHREN, Innes M. Geosophy, imagination, and *terrae incognitae*: exploring the intellectual history of John Kirtland Wright. **Journal of Historical Geography** 31, no. 3 (2005): 546-62.
- LAO-TZU. **Tao-te-king: o livro do sentido e da vida**. (tradução Margit Martincic) São Paulo: Pensamento, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger**. (tradução Fernanda Oliveira) Lisboa: Instituto Piaget, 1967.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. (tradução Pergentino Stefano Pivato, Evaldo Antônio Kuiava, José Nedel, Luiz Pedro Wagner, Marcelo Luiz Pelizolli) Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- MAISTRE, Xavier de. **Viagem em volta do meu quarto**. (tradução Sandra M. Stroparo) São Paulo: Hedra, 2009.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan. / abr. 2012.
- MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. São Paulo: Blucher, 2014a.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer. In: ALVES, Ida; LEMOS, Masé; NEGREIROS, Carmem. (Orgs.) **Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural**. 1ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, p. 53-63, 2014b.
- MARANDOLA JR., Eduardo. **Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo**. [Texto-base da Conferência proferida no “Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem”, realizado dias 9 e 10 de Abril de 2014c, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo].

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. (tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para os espíritos livres. (tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. (tradução Paulo Neves) Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

PESSOA Fernando. **O livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. (organização Richard Zenith) São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. (tradução Werther Holzer) **GEOgraphia** – Ano. II – N.4 – p. 137-150, 2000.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da fenomenologia ‘reflexiva’ à fenomenologia hermenêutica. **Princípios**. Natal (RN), v. 19, n. 31, p. 79-98, Janeiro / Junho de 2012.

SERRES, Michel. **Narrativas do humanismo**. (tradução Caio Meira) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

TABUCCHI, Antonio. **Viajes e otros viajes**. Barcelona, Espanha: Anagrama, 2012.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do Corpo e da Imaginação**. Alfragide, Portugal. Caminho, 2013.

THOREAU, Henry. David. Caminhar. In: THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. (tradução José Geraldo Couto) São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 81-123.

WRIGHT, John Kirtland. The history of geography: a point of view. **Annals of the Association of American Geographers**. Vol. 15, p. 192-201, 1925.

WRIGHT, John Kirtland. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. (tradução Leticia Pádua). **Geograficidade**, v.4, n.2, p. 4-18, Inverno 2014.